



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – POSGRAP
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

Ary Leonan Lima Santos

**UTILIZAÇÃO DO CORDEL COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO
DE HISTÓRIA: CONCEITOS, REPERTÓRIOS E EXPERIÊNCIAS**

São Cristóvão

2018

ARY LEONAN LIMA SANTOS

**UTILIZAÇÃO DO CORDEL COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO
DE HISTÓRIA: CONCEITOS, REPERTÓRIOS E EXPERIÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Sergipe, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro

São Cristóvão

2018

Aos meus pais, Ariosvaldo e Luzia, que em toda jornada da minha vida se fizeram presentes nos mais variados sentidos, não medindo esforços para que eu tivesse uma educação de qualidade e condições favoráveis ao meu desenvolvimento físico, psicológico e intelectual, sempre me munindo de amor em todos os momentos da minha vida.

Ao meu irmão, Leonne, pelo apoio e opiniões sempre enriquecedoras ao desenvolvimento do meu trabalho.

A minha futura esposa, Juliana, pela paciência, amor e carinho, mesmo nos momentos onde as demandas deste trabalho não me permitiam estar tão presente.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor de todas as coisas, pela força e fé necessárias à continuidade e conclusão desta etapa em minha vida.

A minha família, pelo apoio irrestrito desde o ingresso até a conclusão desse mestrado.

Ao meu orientador, Professor Doutor Lucas Miranda Pinheiro, pelos conselhos, dicas e principalmente pela compreensão da minha situação frente ao desafio que foi concluir o PROFHISTÓRIA.

Aos Professores Doutores Fábio Alves dos Santos e Péricles Morais de Andrade que, com suas contribuições, na banca de qualificação, me instigaram a ter novos olhares sobre o tema proposto em meu trabalho.

À Professora Doutora Janaína Cardoso de Mello que me sugeriu trabalhar com o cordel, iniciando os primeiros diálogos que culminaram neste trabalho.

A todos os colegas do PROFHISTÓRIA, que com seus conselhos e críticas me motivaram continuar, em especial aos colegas Manoel Henrique, Luciano Ferreira, Wendel Mota, Jeuédne Eufrázio e André Luís, parceiros em todos os momentos durante o mestrado.

À equipe de trabalho do Colégio Santa Teresinha que me auxiliou nos momentos necessários.

Aos meus alunos, minha grande fonte de inspiração para realização e continuidade deste trabalho, sempre solícitos e dispostos a contribuírem com minhas atividades.

Ao programa do PROFHISTÓRIA e todos professores que em cada discussão me fizeram refletir e repensar minha prática. Tenho certeza que após essas experiências não me tornei o melhor professor, mas com certeza me tornei um professor bem melhor.

A todos os meus amigos, aos que conheci nessa jornada, e que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

As únicas pessoas que realmente mudaram a história foram as que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmos (Malcolm X).

O CORDEL DA DEFESA DO CORDEL

(Ary Leonan Lima Santos)

Mais uma vez saúdo a todos
Com imensa alegria
Pois pra mim neste mestrado
Chegou o meu grande dia

Esse dia que vos digo
Com repleta emoção
Que vou carregar pra sempre
Dentro do meu coração

Começou com um processo
Para todos, seletivo
Que mudou o meu trabalho
De um jeito efetivo

Ser chamado de mestre
Não é minha ambição
Pois aqui o que aprendi
Não se faz comparação

De leituras de trabalhos
Variada opiniões
Recebi dos professores
Grandes orientações

A caminhada foi difícil
Tinha que conciliar
A jornada de estudos
E também ir trabalhar

Mas aquilo que queremos
Não podemos desistir
Mesmo com o pouco tempo
Precisamos insistir

E vencendo as barreiras
Mesmo as de formação
Eu defendo meu trabalho
É minha convicção

E falando do cordel
No ensino de história
Valorizo a cultura
Vou rimando a memória

Pois na minha consciência
Pra formar o cidadão
Tem que ter boa ciência
Investimento em educação

No ensino acredito
E por isso vou tentar
Um ensino de história
Com cultura popular

Pois história é o povo
Toda a população
Escrevendo dia-a-dia
A história da nação

E história com cordel
Foi a minha intenção
Com cordel sobre história
Fui rimando educação

E agora me despeço
Quero ouvir os professores
Dessa banca muito esperta
Que estudam os autores

Agradeço a atenção
Dos que estão aqui presentes
E agora me despeço
Com mais um desses meu versos
Nessa rima envolvente!

MINHA HISTÓRIA DE CORDEL

(Ary Leonan Lima Santos)

Pra falar sobre história
Me atrevo a rimar
Vou brincando com as palavras
Escrevendo sem parar!

Do Egito à guerra fria
E História do Brasil
Vou usando minha rima
De maneira bem sutil

Meu cordel não é encantado
Mas brota do coração
Minha alegria é rimar
Cantarolando educação

Bem humilde o meu talento
Vou levando meu recado
Com a minha poesia
E um livro rabiscado

Professor sou de História
Me orgulho desse nome
E rimando a memória
Vou falando sobre o homem

Das ações que ele fez
Da história que ele faz
Das famílias que desfez
Com a guerra pela paz!

A história com cordel
Me preenche de emoção
Me inspira a lutar
Pelo bem da educação

No meu sonho acredito
E por isso vou brigar
Para dentro da escola
Vou falar sobre história
Com meu jeito de rimar

UTILIZAÇÃO DO CORDEL COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: CONCEITOS, REPERTÓRIOS E EXPERIÊNCIAS

O presente trabalho tem como objetivo observar os resultados pedagógicos e didáticos do uso da cultura popular relacionada aos conteúdos estudados na disciplina história, principalmente o uso de cordéis produzidos a partir dos temas da história estudados em sala de aula e a partir dessas observações introduzir métodos de ensino e história que contemplem a cultura popular através do cordel e que sirvam de substrato para as aulas, propiciando assim um ambiente em sala de aula que favoreça ao aluno ser participante do processo de construção de saberes históricos. O cordel, enquanto elemento da cultura popular, reflete em seus textos e sua forma de produção características próprias da população brasileira, em especial as camadas economicamente menos favorecidas do Nordeste, se tornando assim um importante meio de comunicação e expressão do ponto de vista dessas pessoas sobre a realidade em que estão inseridas. O referencial teórico utilizado para a discussão do uso do cordel em sala de aula foi Robert Darnton (1988) para tratar sobre as questões envolvendo cultura popular, além de Peter Burke (2008) e Michel de Certeau (2003), entre outros. Nas questões sobre didática e ensino de história foram utilizados Selva Guimarães (2015) e Jörn Rüsen (2010), principalmente no tocante ao ensino de história pautado na prática. Como forma de corroborar as opiniões expressas no transcorrer do trabalho, utilizei Paulo Freire (2016) e seus posicionamentos sobre estratégias educativas que valorizem as diferentes realidades dos estudantes e os enxerguem como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. O trabalho se divide nas discussões sobre cordel e literatura popular, cordel e cultura popular, cordel e ensino de história. Além disso se discute a elaboração de um produto que auxilie o objetivo de relacionar as aulas de história ao cordel.

Palavras-chave: Cordel, cultura popular, ensino de história.

USE OF THE CORDELAS A SUPPORT FOR TEACHING HISTORY: CONCEPTS, REPERTOIRES AND EXPERIENCES

The present work has as objective to observe the pedagogical and didactic results of the use of the popular culture related to the contents studied in the history discipline, mainly the use of cords produced from the themes of history studied in the classroom and from these observations introduce methods of teaching and history that contemplate the popular culture through the string and that serve as substratum for the classes, thus providing an environment in the classroom that favors the student to be participant of the process of construction of historical knowledge. The cord, as an element of popular culture, reflects in its texts and its way of production characteristic of the Brazilian population, especially the economically less favored layers of the Northeast, thus becoming an important means of communication and expression from the point of view of these people about the reality in which they are inserted. The theoretical framework used to discuss the use of cordon in the classroom was Robert Darnton (1988) to deal with issues involving popular culture, in addition to Peter Burke (2008) and Michel de Certeau (2003), among others. In the questions about didactics and history teaching, Selva Guimarães (2015) and Jörn Rüsen (2010) were used, mainly in relation to teaching history based on practice. As a way of corroborating the opinions expressed in the course of my work, I used Paulo Freire (2016) and his positions on educational strategies that value the different realities of students and see them as protagonists of the teaching-learning process. The work is divided into discussions about cordel and popular literature, cord and popular culture, string and history teaching. In addition, it is discussed the elaboration of a product that helps the objective of relating the history classes to the string.

Key words: Cordel, history teaching, popular culture.

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Cordel e Literatura.....	12
3. Cordel e Cultura	23
4. Cordel e Ensino de História.....	34
5. Trabalhos e obras	40
5.1 Trabalhos acadêmicos.....	41
5.2 Cordel nos livros didáticos	52
5.3 Cordéis e temas para as aulas de história	58
6. Produto	63
6.1 Surgimento da ideia	63
6.2 Meu Produto	73
7. Considerações Finais	78
ANEXOS	79
REFERÊNCIAS	99

1. Introdução

O tema proposto neste trabalho foi resultado de experiências vivenciadas tanto em meu percurso traçado no Mestrado Profissional em Ensino de História, quanto das minhas experiências enquanto professor da educação básica da rede particular de ensino da cidade de Boquim, no estado de Sergipe, mais especificamente no colégio Santa Teresinha, em minhas turmas de ensino fundamental, do sexto ao nono ano, e no ensino médio, na turma do primeiro ano, turmas essas compostas por alunos de diferentes classes sociais, os quais apresentavam também diferentes necessidades, desde questões voltadas ao seu desenvolvimento escolar, mas também necessidades de cunho social, econômico e familiar. A docência foi um ponto importantíssimo na escolha do tema, pois por trabalhar o cordel em sala de aula pude visualizá-lo enquanto uma ferramenta útil para minhas aulas e na interação com meus alunos. No decorrer do trabalho, busco demonstrar a importância do cordel enquanto gênero literário e as vantagens de trabalhá-lo no processo de construção dos saberes em história, enfatizando principalmente sua contribuição histórica nas questões culturais e voltadas ao discurso de seus interlocutores. Diante da necessidade curricular do Mestrado Profissional em construir um produto, adotei como estratégia de trabalho a utilização de acervos de cordéis já existentes e a produção de cordéis que contemplassem determinadas temáticas do ensino de história. É importante enfatizar que ao utilizar o cordel como tema central deste trabalho, busca-se como único objetivo a sugestão de mais uma ferramenta de trabalho que complemente todos os outros materiais já utilizados pelos professores nas aulas de história. Não vislumbro no cordel um potencial de ser o único material usado na sala de aula, como na verdade, nenhuma ferramenta pode contemplar toda fonte de conhecimento necessária para a construção do conhecimento, porém no decorrer desse trabalho procuro analisar como o cordel em conjunto com outros materiais pode resultar em uma saudável interação entre professor e aluno, contribuindo para a construção do conhecimento histórico no ambiente escolar. Para alcançar a conclusão deste trabalho foi necessário percorrer algumas etapas consideradas indispensáveis para uma melhor compreensão da efetividade do uso do cordel nas aulas de história, como a busca de referências do uso do cordel na educação

(especialmente no ensino de história), a produção de material que fundamente esse processo, a produção e a busca de acervo de cordéis envolvendo os conteúdos de história e, paralelamente a todos esses processos, a aplicação de cordéis voltados ao ensino de história em sala de aula, observando a reação e a receptividade dos alunos a esse tipo de método e, a partir dos resultados encontrados, trabalhar outros cordeis nas aulas de história, inclusive incentivando aos alunos a produção de cordeis que contemplem os temas estudados em sala de aula. É importante destacar que nesse processo alguns dos objetivos nem sempre são alcançados por meios das atividades propostas, o que necessariamente não é um ponto negativo, pois através de alguns insucessos dessas atividades tenho a possibilidade de avaliar outros métodos que possam dialogar melhor com as demandas visualizadas em sala de aula. Busco explicitar esses passos em capítulos que tratam respectivamente sobre o cordel enquanto elemento cultural e sua relação com outros aspectos (literatura, cultura e ensino de história). Trago discussões que enfatizam a relação entre história e cultura popular, além de destacar alguns pontos relevantes sobre a construção e organização da literatura de cordel. Por fim, concluo este trabalho destacando como utilizei o cordel em minha prática em sala de aula e trago alguns dos cordeis que desenvolvi com algumas instruções para que professores de história (e até de outras disciplinas) possam trabalhar o cordel, inclusive o material que produzi, em suas aulas.

2. Cordel e Literatura

Falar sobre literatura de cordel é remeter-se a um gênero literário muito antigo que nem sempre foi conhecido por esse termo, assim como por muito tempo também teve sua importância, dentro da literatura brasileira, pouco destacada. O cordel enquanto obra literária, seja escrita ou falada, existe muito antes de receber esse título, que remete aos livretos dependurados em arames nas feiras livres nordestinas.

A história do cordel liga-se à tradição medieval, em que a atividade de contar histórias numa comunidade estava presente. Um narrador, anônimo, contava suas experiências e, através dessa ação, transmitia um ensinamento moral, um provérbio, uma sugestão prática, uma norma de vida (BENJAMIN, 1994, apud EVARISTO, 2001, p. 119).

Diante das pesquisas realizadas, é possível perceber que a formação da literatura de cordel sempre esteve ligada aos discursos e culturas populares. Além de sua presença no período medieval, Marcela Cristina Evaristo em capítulo intitulado, *O Cordel em Sala de Aula* afirma que “o camponês e o marinheiro eram os contadores de história por excelência: um porque detinha o conhecimento das tradições de seu lugar e o outro porque o adquiria através das constantes viagens realizadas” (2001, p. 119). Ou seja, isso demonstra como a oralidade presente na literatura de cordel contribui para a construção dos discursos das camadas populares e a propagação das suas experiências.

Pensando assim, percebo no cordel uma ferramenta útil na busca por uma proposta de ensino de história que contemple a regionalidade e a cultura local, objetivando fazer com que alunos e a comunidade escolar envolvida sintam-se parte da construção do conhecimento histórico, pois enquanto professor de história, é necessário perceber que as culturas formulam maneiras de pensar (DARNTON, 1988). Também, como afirma Darnton (1988), “os contos populares são documentos históricos”, dessa forma, o cordel enquanto literatura popular também merece que nós historiadores nos debrucemos sobre suas obras e busquemos compreender seu envolvimento em diversos contextos históricos

da sociedade brasileira, em especial da região Nordeste. E é inserido nessa cultura popular que o cordel tem seu desenvolvimento em nosso país.

No Brasil o cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de texto em verso denominados literatura de cordel (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 17).

No nordeste brasileiro, o cordel começa a ganhar mais destaque a partir do início do período republicano,

Como toda produção cultural, o cordel vive períodos de fartura e escassez. Hoje existem poetas populares espalhados por todo o país, vivendo em diferentes situações, compartilhando experiências distintas, mas no final do século XIX e início do século XX, o cordel fazia parte da vida de nordestinos que viviam no campo, dependendo da agricultura ou ainda nas cidades, com seus pequenos comércios (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 17).

É possível perceber, a partir dos textos pesquisados, a proximidade do cordel com a realidade daqueles que o produziam, englobando assim não somente aspectos da vida cotidiana, mas também elementos sociopolíticos muito importantes dentro da sociedade nordestina do início do século XX. “A virada do século XIX no Brasil foi marcada por mudanças que afetaram sobretudo os trabalhadores que viviam no campo, em condições de dependência e favor. A crise [...] tornou visível a situação de exclusão das camadas mais pobres da população” (MARINHO e PINHEIRO, 2012).

Desse contexto nasce a literatura de cordel brasileira, como forma de protesto ou até um “desabafo” sobre as condições sociais da população. Assim como na idade média, o cordel nordestino vem retratar o contexto social o qual a população estava inserida, reproduzindo através de suas rimas, histórias, fatos ou até desejos de um povo muitas vezes alijado das principais decisões políticas que os afetava diretamente. “Como todos os contadores de história, os narradores campeses adaptavam o cenário de seus relatos ao seu próprio meio; mas mantinham intatos os principais elementos, usando repetições, rimas e outros dispositivos mnemônicos” (DARNTON, 1988, pp. 30 e 31). Ainda discutindo sobre a cultura popular na idade média, Darnton nos faz refletir sobre a

importância de valorizar a cultura popular – no caso deste trabalho, cultura popular no Brasil, especificamente a literatura de cordel – e perceber o seu potencial enquanto documento histórico que traduz diferentes realidades. “Rejeitar os contos populares porque não podem ser datados nem situados com precisão, como outros documentos históricos, é virar as costas a um dos poucos pontos de entrada no universo mental dos camponeses” (DARNTON, 1988), ou seja, para analisar o cenário do cordel enquanto gênero literário e cogitar o seu possível uso como ferramenta para o ensino de história é preciso aceitar que além da história oficial descrita nos livros didáticos, há também uma história construída a partir das experiências das massas populares através de sua atuação enquanto sujeitos históricos no ambiente em que estão inseridos.

A heroização do povo pode ser consoladora, mas não ajuda a compreender a realidade, e, portanto, a transformá-la num sentido favorável às classes populares. Ao contrário, pode ser tão mitificadora quanto a história tradicional, que enaltecia os “grandes homens” das camadas dirigentes (DAVIES, 2014, p. 123).

Trabalhar o cordel como um gênero literário útil no ensino de história perpassa por compreender que utilizar a cultura popular como fonte de estudo para as aulas não se objetiva em tornar “uma ou outra história” mais importante, mas contemplar as diversas realidades que constituem a formação da história de um povo, oportunizando voz aos diferentes agentes históricos. Utilizar o cordel nas aulas de história é ao menos tentar abrir espaço para métodos que contemplam, mesmo que de maneira parcial, a cultura popular dentro da sala de aula.

Darnton (1988) explicita bem que os contos, e dessa forma podemos inserir também o cordel, se relacionam com a arte de narrar as histórias representando o contexto o qual esses escritores e narradores fazem parte, tornando assim esses contos um documento histórico da realidade vivida por essas pessoas. Trabalhar esses aspectos na sala de aula, como relata Davies (2014), não se trata de um processo de heroização da cultura das classes populares, muito menos demonização da cultura compreendida como da elite, mas despertar no aluno a percepção da sua participação enquanto sujeito histórico, da

importância da sua visão crítica frente à realidade que lhe é reproduzida e àquela a qual ele faz parte.

O aluno que entender a participação popular no passado, com todas as suas características e contradições, estará mais apto a atuar criticamente, sem idealização ingênua (heroização) nem autodepreciação (a história do ponto de vista conservador) da transformação social (DAVIES, 2014, p. 125).

O cordel expressa a realidade, não só daqueles que a produzem, mas também do público que consome seus textos. Na verdade, um dos fatores que mais enriquecem a literatura de cordel é a reprodução que diversas vezes se faz de elementos regionais, sejam no contexto político ou de ênfase das características culturais do Nordeste. Há uma capacidade de aproximar o leitor do tema tratado, contribuindo para uma maior interação entre o leitor e o texto, onde aquele que lê, ao mesmo tempo em que percorre entre aquelas palavras rimadas consegue, por exemplo, e entre outros temas, enxergar-se em meio às cenas de seca no sertão, do descaso dos políticos com os problemas da população, do esquecimento de muitas pessoas da riqueza cultural nordestina.

Justamente partindo dessa possibilidade que se identifica no cordel em representar muitas vezes a realidade do leitor, o que pode ser considerado uma ferramenta interessante no cotidiano escolar, se percebe através de resultados obtidos de aplicações de atividades que o envolvem em sala de aula, um potencial aceitável enquanto literatura que possa ser utilizada como apêndice às aulas de história. Mediante experiências iniciais em sala de aula utilizando literatura de cordel é possível perceber também que sua musicalidade e forma lúdica, chamam bastante a atenção dos alunos, conseguindo por algumas vezes facilitar a interação entre aluno e professor durante as aulas de história, consequentemente podendo servir como um meio de aproximação entre docentes e discentes.

Assim como outros gêneros literários muito difundidos em nosso meio, o cordel, também possui seus métodos de construção e sua forma de organização – características que serão enfatizadas mais à frente. Claro que como toda expressão artística, sua criação depende muito da inspiração do autor, dos elementos culturais que o cercam e do momento vivido

pelo mesmo dentro da comunidade que está inserido. Porém produzir um cordel vai além de momentos de inspiração. Existem regras bem definidas sobre a forma de como produzir um cordel, de modo que haja harmonia entre a mensagem contida nos versos e a organização textual, facilitando a compreensão do leitor e preservando a musicalidade existente, marca característica da literatura de cordel. Ao falar sobre a organização do cordel, é importante enfatizar que a maneira de escrever um cordel é bastante peculiar, pois organizar um cordel não quer dizer necessariamente manter uma relação com a norma culta padrão da língua portuguesa, fato que o diferencia da maioria dos gêneros literários conhecidos.

O trabalho com a literatura popular pressupõe essa “empatia sincera e prolongada” e, sobretudo, uma “relação amorosa”. Diria também, uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Não se trata, por outro lado, de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas de compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios estéticos específicos, para poder perceber sua dimensão universal (MARINHO; PINHEIRO, 2012, pp. 125 e 126).

Outro ponto importante ao trabalhar o cordel em sala de aula, como suporte às aulas de história, é enfatizar sua interdiscursividade. Ou seja, a capacidade que o cordel tem de envolver em suas histórias outros discursos alinhados ao do autor do cordel. Essa característica pode ser positiva nas aulas de história se o professor ao trabalhar a literatura de cordel, conseguir apresentar aos seus alunos um ensino de história que valorize justamente a possibilidade de, ao estudar um determinado contexto histórico, buscar contemplar os diferentes discursos e realidades. Dessa forma, tanto a literatura de cordel, quanto as aulas de história contribuirão para a formação de um leitor que enxergue além das palavras que estão escritas no texto, mas que tenha a capacidade de perceber e interpretar as diferentes visões e realidades que contribuem para a formação dos diversos momentos históricos estudados e também àquele o qual estão inseridos.

Um outro traço marcante dessa literatura é a interdiscursividade. Nesse sentido, pode-se perceber a heterogeneidade discursiva dessa produção através das marcas, explícitas ou não, de outros discursos presentes nas narrativas dos folhetos de cordel (EVARISTO, 2001, p. 135).

A literatura de cordel também tem suas marcas próprias que caracterizam bem esse gênero literário, demonstrando padrões existentes para sua forma de criação e organização enquanto texto.

As quadras, versos de quatro, foram os mais antigos. Subentendia-se pés que não eram acentos métricos mas a linha, talqualmente em Portugal. “Um pé de verso, outro de cantiga” dizia no Anatômico Jocoso⁴⁶⁵. Em quadras, ABCB, foram todos os velhos desafios, os romances do gado, descrevendo aventuras de bois, vacas e poldras valentes. A métrica se manteve setissilábica, como as xácaras, romances e gestas de outrora, guardadas em qualquer cancioneiro espanhol ou português. Não conheço documentação sertaneja anterior ao século XVIII. Essa é toda em quadras. A sextilha setissilábica, forma absolutamente vitoriosa na literatura de cordel brasileira, ABCBDB, é tão antiga quanto a quadra, ensinava Carolina Michaëlis de Vasconcelos, dizendo-a popularíssima no século XVI (CASCUDO, 2012, p. 387).

Além das quadras, como explica Câmara Cascudo (2012), “A sextilha, verso de seis pés, é a forma popular dos ‘desafios’ e dos romances publicados em todo o Brasil, comentando assuntos novos ou velhos, líricos, guerreiros, políticos, gerais ou locais”. Uma outra característica do cordel é carregar em seus textos marcas onde as grafias representam exatamente a forma como pessoas de determinados grupos pronunciam algumas palavras, dando ênfase a características regionais. Podemos observar alguns desses elementos no trecho do cordel de Carlos Soares da Silva¹:

*A linguagem nordestina
É bastante especiá,
É uma língua matuta,
Gostosa de se falá.
Leia com toda atenção,
O cordel que tem nas mão,
Pra pudêapreciá [...]*

¹ Também é conhecido como “Carlinhos do Cordel”, nascido em Cupira/PE. É professor licenciado e pós-graduado em Letras. Trabalhou com as disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Redação.

É importante observar que a escrita do cordel pode sofrer variações a depender do tema tratado. Aquilo que o autor se propõe a discutir exerce muita relevância também na maneira como ele irá se expressar através das palavras. Como visto no exemplo acima, o tema o qual é tratado no cordel se refere a dialetos nordestinos, portanto o autor utiliza-se de várias expressões orais do cotidiano nordestino, grafadas da forma como são pronunciadas para enfatizar o tema que é tratado em seu cordel. Essa “simplicidade” presente na forma como é produzido esse cordel é algo que contribui para o propósito deste trabalho, pois utilizar uma obra como esta na educação básica é demonstrar que a educação pode ser construída também a partir de processos simples, porém ricos culturalmente e repletos de experiências das pessoas que constroem a história a partir de suas vivências e realidades.

Apesar de o trabalho enfatizar o uso do cordel nas aulas de história, é válido destacar que a literatura de cordel possui elementos que podem ser utilizados como objeto de estudo para outras disciplinas também. Ao tratar da grafia, por exemplo, o professor pode em sala de aula utilizar-se do cordel para executar tarefas que enfatizem o desenvolvimento da interpretação de texto do aluno, discutindo as mensagens inseridas nos cordéis trabalhados e em atividades que trabalhem corretamente a grafia das palavras. Ou seja, não se trata de uma questão de criticar a forma como os cordéis são escritos, mas demonstrar aos alunos que essa construção está relacionada a uma realidade dos autores que muitas vezes pode ser diferente da realidade dos leitores, e complementar a atividade partindo para uma questão mais prática, demonstrando também a grafia correta para os alunos. Por conta dessas especificidades, o cordel “constitui-se em um gênero intermediário entre a oralidade e a escrita” (EVARISTO, 2001).

Ao discutir oralidade, é importante frisar que trabalhar o cordel em sala de aula é impulsionar, de alguma forma, uma atenção para um modo de trabalho que busque valorizar também as fontes orais e seus desdobramentos dentro da história. Como afirma Selva Guimarães, em seu livro Didática e Prática de Ensino de História, “a expansão e a diversidade das fontes de pesquisa nos estudos históricos e educacionais, em particular das fontes orais, têm impulsionado, entre nós, nos diferentes níveis de ensino, o desenvolvimento da história oral nas aulas de História” (2015, p. 345). Ainda

compartilhando do pensamento de Selva Guimarães (2015), ao trabalhar o cordel no ensino de história e enfatizar o seu caráter relacionado à oralidade, o professor está exercitando a necessidade de incorporar no ensino e aprendizagem da história, os protagonistas vivos que cotidianamente exercem seu papel de sujeitos históricos. Ou seja, a literatura de cordel enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem pode contribuir na formação de habilidades nos alunos, favorecendo a sua compreensão sobre o estudo da história.

As atividades com fontes orais favorecem a aquisição de habilidades e atitudes de investigação, indagação análise, responsabilidade, ética e respeito aos diferentes sujeitos e seus pontos de vista. O professor deve, a meu ver, estar atento às vantagens, à relevância do trabalho e também às dificuldades e aos cuidados exigidos. É importante frisar a subjetividade das fontes orais. As lembranças, os relatos estão impregnados de silêncios, contradições, omissões, ênfases, seleções, incoerências e, algumas vezes, distorções; assim, como toda fonte, requerem problematização, análise, crítica e interpretação. As narrativas, as histórias particulares não podem ser tomadas como verdades absolutas, mas como visões, percepções, interpretações da experiência individual e coletiva. Desse modo, a história oral não é mera técnica de coleta de informações por meio de entrevistas, mas um modo de produção de conhecimentos (GUIMARÃES, 2015, p. 345).

Como o cordel mantém laços estreitos com a oralidade, é importante que o professor ao trabalhá-lo em sala de aula, possa ter o cuidado necessário ao trabalhar fontes orais. Levar para a sala de aula cordéis que tratem sobre o cangaço, a escravidão no Brasil, ou até mesmo aqueles mais voltados aos debates políticos, não quer dizer que os cordéis por si só fornecerão o conhecimento necessário aos alunos sobre história, mas bem trabalhados, esses materiais, mesmo quando com opiniões questionáveis, podem exercer uma função importante, instigando nos alunos o desejo de questionamento, o levantamento de debates e principalmente o desejo pela pesquisa e o contato com outras fontes, para que assim possam, a partir dessa busca, se deparar com novas visões e amadurecer seus conceitos, respeitando sempre as diferentes percepções e contextos históricos existentes.

Ao analisarmos a formação literária do cordel, podemos perceber que os pontos a serem trabalhados em sala de aula são diversos. Além das questões ideológicas introjetadas nos textos e que devem servir de pauta de discussão em sala de aula, a própria grafia dos cordéis pode servir de ponto de partida para o desenvolvimento de atividades em sala de aula que podem beneficiar além do estudo histórico. Um dos pontos interessantes da literatura de cordel é a sua grafia, pois a depender do tema tratado e da intenção ou grau de instrução do autor, nem sempre as palavras grafadas nos cordéis estarão de acordo com a norma culta da língua portuguesa. Assim, partindo desse ponto o professor pode organizar atividades que possam auxiliar o aluno, além da interpretação e compreensão do contexto da obra, no desenvolvimento da sua escrita e leitura, habilidades importantes no desenvolvimento do aluno em todas as disciplinas escolares que este tem contato.

Um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo. Muitas vezes pode-se descobrir entre funcionários da própria escola apreciadores da literatura popular, praticantes, ou, no mínimo, alguém que teve ou tem algum tipo de ligação com ela. Deve-se, portanto, recolher dos próprios alunos relatos de vivências, experiências deles conhecidas, e, ao mesmo tempo, partir das obras - os folhetos - e penetrar nas questões que lá estão representadas. A experiência com a poesia oral está presente em toda a comunidade, em qualquer região do país. Neste sentido, é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Certamente, há diferentes manifestações da poesia popular nas diferentes regiões. Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa da maior importância na formação leitora e cultural de nossos alunos (MARINHO; PINHEIRO, 2012, pp. 126 e 127).

As próprias discussões que envolvam o cordel e as disciplinas trabalhadas na escola, devem buscar valorizar a realidade dos envolvidos no processo de educação, professores, alunos e demais envolvidos devem ter suas realidades envolvidas no cerne da discussão sobre o contexto que relaciona o uso da literatura de cordel e a sala de aula, no caso tratado aqui, o ensino de história. Mais uma vez é necessário enfatizar que o cordel não é uma “última alternativa” como forma de motivação de estudo para os alunos, nem deve,

pois, a busca do conhecimento por si só deve fornecer essa motivação, mas dentro da estrutura educacional a que estamos inseridos, o cordel se mostra como uma outra opção, entre as diversas existentes, de interação entre professor e aluno no ambiente de sala de aula.

A ideia de sugerir atividades e procedimentos para serem trabalhados na realidade escolar precisa ser compreendida não como um receituário, antes como pistas para fazer com que a literatura de cordel possa ser experimentada, vivenciada pelos leitores e não apenas observada como algo exótico para alguns (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 127).

Buscar utilizar obras como o cordel no ambiente escolar, é mais que sugerir novas ferramentas, mas também procurar valorizar uma cultura popular que necessariamente nem sempre atende aos interesses da chamada “cultura de massa”. É tentar valorizar e trazer para o ambiente escolar uma produção de conhecimento baseada na realidade do aluno, do professor, uma história onde aqueles que a estudam e procuram conhecê-la, também se sintam participantes da sua construção.

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o cordel - seu valor não está apenas nisto - estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobretudo mostrando o que nelas há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 128).

Ainda reforçando o uso da literatura de cordel em sala de aula, — nas aulas de história em nosso caso — Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro através de diversas sugestões do uso do cordel na escola, enfatizam como os temas dos cordéis e sua própria estrutura de produção podem servir como temas de partida para debates importantes sobre diversos contextos elucidativos para alguns conteúdos trabalhados pelo professor, inclusive

instigando os alunos à busca pelo debate, questionamento, despertando a curiosidade pelo conhecimento.

Encontramos na literatura de cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates, discussões em sala de aula (2012, p. 129).

A variedade temática do cordel deve ser aproveitada pelo professor como ponto de partida das discussões que ela deseja instigar em sala de aula, além disso, é importante a percepção da turma sobre a influência que as diferentes realidades produzem sobre essas produções. A diversidade de temas no cordel existe justamente porque aqueles que o produzem se pautam na sua visão de mundo e expressam sua opinião através dos livretos, gerando assim textos que retratam diversos acontecimentos cotidianos, mostrando a visão popular sobre a política, economia, religião, sobre a própria educação em sua amplitude de temas possíveis, enfim, o cordel serve como ferramenta para expressar a opinião através de textos de fácil compreensão por parte daqueles que o consomem e que muitas vezes se sentem representados através daquilo que é escrito e publicado nos livretos.

3. Cordel e Cultura

Trabalhar o cordel em sala de aula, principalmente nas aulas de história, se mostra um bom desafio por buscar novas ferramentas que facilitem a interação do professor com o aluno, ambos inseridos no processo de construção e desenvolvimento do conhecimento, mas também por proporcionar a inserção da cultura popular dentro das aulas de história, favorecendo assim para um estudo de história pautado nas realidades e vivências daqueles que a construíram anos atrás, mas também daqueles que ainda a constroem cotidianamente. Como Darnton (1988) afirma — trecho já citado anteriormente —, “as culturas formulam maneiras de pensar”, fato que não é diferente na literatura de cordel, pois esta também contribui para a formação ou afirmação do pensamento dos seus leitores e da sociedade na qual está inserida. De tal modo, é relevante discutirmos, ao usarmos como ferramenta nas aulas de história, a carga cultural presente no cordel, majoritariamente uma cultura inserida num cotidiano muitas vezes não observado da população, mas que serve de esteio para a construção da história como um todo, cultura esta chamada de popular.

Nessa discussão e de sua importante relação com as aulas de história — objeto principal deste trabalho — se faz importante buscar compreender o que seria cultura, de que forma poderíamos defini-la. Melhor, mais que procurar uma única definição, a discussão sobre a relação cultural do cordel com o estudo de história nos leva a suscitar o debate sobre as diferentes visões que as pessoas têm sobre cultura, mais especificamente atendo-se a nossa discussão aqui presente, perceber as diferentes visões sobre o que seria cultura popular e como esses conceitos moldam a visão, não somente do aluno, mas de grande parcela da sociedade acerca daquilo que é definido como popular. É importante salientar que como estamos falando sobre cultura enquanto conceito inserido na sala de aula, nos processos de aprendizagem, é importante também buscarmos definições legais sobre o tema, que pautam aquilo que temos definido legalmente dentro da nossa sociedade. Dentro dessas definições legais, temos órgãos e documentos que servem como norteadores das atividades relacionadas à cultura no Brasil e um desses norteadores é o

Plano Nacional de Cultura² - PNC, que busca no corpo do seu texto trazer definições básicas do que seria cultura e ainda formas de incentivar o desenvolvimento cultural da nossa sociedade. O PNC define cultura como um “fenômeno social e humano de múltiplos sentidos, considerada em toda a sua extensão antropológica, social, produtiva, econômica, simbólica e estética” (PNC, 2010, p. 5). Portanto, diante da definição exposta pelo Plano Nacional de Cultura, é coerente afirmar que o cordel pode dentro da sala de aula, além de servir como uma boa ferramenta de ensino, atuar como um elemento de fortalecimento cultural que valoriza as diversas realidades, as diversas representações e os variados modelos de produção e sentidos adquiridos em suas obras. Ao abordar a literatura de cordel em sala de aula, o professor, além de modificar a estrutura das suas aulas, também atenderá às recomendações legais de “estabelecer abordagens intersetoriais e transdisciplinares para a execução de políticas dedicadas às culturas populares, incluindo seus detentores na formulação de programas, projetos e ações” (PNC, 2010, p. 11). Outros pontos do Plano Nacional de Cultura, ao serem relacionados com o presente trabalho, reforçam o objetivo do mesmo ao usar o cordel como ferramenta de ensino nas aulas de história. Para incentivar uma educação e uma história que privilegie nossa cultura, inclusive a chamada popular, é necessário “inserir o patrimônio cultural na pauta do ensino formal, apropriando-se dos bens culturais nos processos de formação formal cidadã, estimulando novas vivências e práticas educativas” (PNC, 2010, p. 12). Assim, inserir o cordel nas aulas de história, pode se tornar mais que uma tentativa de inovar o processo de ensino-aprendizagem, mas também uma ferramenta que atenda às demandas atuais da educação e cultura que propõem a inserção de elementos que valorizem a diversidade cultural e suas diferentes formas de expressão, formando assim em nossos alunos um olhar consciente não só histórico, mas também referente às diferentes demandas culturais existentes em nossa realidade. Claro que ao buscar métodos e processos que destaquem os elementos da cultura popular em sala de aula não se objetiva privilegiar “uma cultura em detrimento de outra”, mas proporcionar um espaço de importante construção do conhecimento como a sala de aula para importantes debates sobre uma vertente cultural que está mais próxima da realidade dos alunos.

² Lei nº 12343, de 2 de dezembro de 2010.

Trabalhar o cordel em sala de aula, com temas voltados especificamente às aulas de história, mais que atender a demandas legais, desenvolve um papel tão importante quanto que é o de proporcionar o espaço devido à cultura popular. Espaço esse que percebemos necessário quando Peter Burke (2005) demonstra o fortalecimento da cultura popular e sua inserção em espaços originalmente destinados enfatizar a alta cultura tradicional e a necessidade de inserção da cultura popular na história através de pessoas comuns que usualmente são deixadas de fora dos registros comuns. Falar em romper padrões estabelecidos me obriga a, ao menos, comentar a relação de poder existente na literatura de cordel enquanto elemento da cultura popular. Não necessariamente a cultura popular é resultado somente dos esforços das camadas menos favorecidas economicamente, porém a sua difusão entre essas classes se mostra mais compatível e eficiente ao discutir elementos que permeiam esses contextos. Esse tipo de produção oportuniza voz a uma parcela da população que deseja ouvir seus anseios e ver suas opiniões equalizadas através de meios que os oportunizem cobrar setores da sociedade que se mantêm distantes, ou pelo menos demonstrar sua insatisfação ao que se tem imposto através dos meios mais tradicionais da produção cultural.

Além de toda sua carga pedagógica útil ao ambiente escolar, há também a cultural que propõe uma relação interessante, a das lutas de poder nos cenários onde as representações culturais são previamente estabelecidas. Ou seja, o cordel surge também como ferramenta de inserção da “voz” e expressões populares em ambientes teoricamente destinados a uma cultura tradicional.

Falando de modo mais geral, uma maneira de utilizar sistemas impostos constitui a resistência à lei histórica de estado de fato e suas legitimações dogmáticas. Uma prática de ordem construída por outros redistribui-lhe o espaço. Ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais e por referências utópicas. Aí se manifestaria a opacidade da cultura “popular” - a pedra negra que se opõe à assimilação. O que aí se chama sabedoria, define-se como trampolinagem, palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais (CERTEAU, 1994, p. 79).

O cordel inserido nas aulas de história, além de auxiliar o livro didático no papel de material necessário ao curso das aulas, age também como esse fator que “dribla” os contratos sociais analisados por Certeau (1994). Esses contratos, em nosso contexto, seriam a forma tradicional das aulas, mais especificamente os materiais tradicionais utilizados no processo de ensino-aprendizagem — utilização esta que não representa um problema — e o cordel seria o fator que proporcionaria a presença da cultura popular também contribuindo para a formação do conhecimento num ambiente ou de uma forma que costumeiramente não aconteceria. A proposta de uso do cordel em sala de aula, se bem trabalhada, tem a capacidade de evidenciar a importância da cultura popular na formação educacional dos alunos, mostrando a possibilidade de diferentes agentes históricos ocuparem paralelamente ambientes onde muitas vezes estavam restritos a definidos modelos de cultura.

Ao sugerir o cordel como ferramenta para ser usada nas aulas de história, proponho aos alunos algo que lhes proporcione um ensino de história pautado não só na teoria, mas também fruto de atividades práticas que dialoguem com suas realidades. Ou seja, levar a cultura popular para a sala de aula representada através do cordel não tem como intuito dominar esse ambiente, mas conquistar um espaço que lhe permita dar voz aos seus representantes. Por exemplo, ao levar diferentes cordéis para minhas turmas no colégio Sana Terezinha, procurava demonstrar-lhes diferentes opiniões de mundo de autores que estavam mais próximo a realidade de nossa região, que compartilhassem visões semelhantes a nossa dos fatos que acontecem aqui. Pessoas que falavam por exemplo do Nordeste, mas que viviam os problemas existentes na região como a seca e a fome no sertão. Ou cordelistas nordestinos que rimavam críticas à política local, pois conhecem e vivem a triste realidade do revezamento dos cargos políticos por pouquíssimas famílias que se perpetuam no poder.

Trazer algo próximo da realidade dos meus alunos, os aguça o senso crítico sobre os principais problemas que acometem nossa sociedade, despertando neles a capacidade de terem um olhar macro da realidade brasileira, mas também uma visão micro, observando e criticando práticas que ocorrem próximo a eles e afetam suas vidas diretamente.

Ela remete, na verdade, a um amplo espectro de concepções e pontos de vista que vão desde a negação (implícita ou explícita) de que os fatos por ela identificados contenham alguma forma de “saber”, até o extremo de atribuir-lhes o papel de resistência contra a dominação de classe. (ARANTES, 1998, p. 7)

A cultura popular, além de seu valor social, também manifesta, através das representações de seus atores, um valor político enorme, de sentido de resistência ao que é imposto pela “alta cultura” como padrão cultural e social aceitável. Como defendia Michel Certeau, a cultura popular pode agir com a função de bricolagem daquilo que está imposto perante a sociedade e num jogo de forças políticas, disputas de poder, encontrar espaços para as manifestações de seus representantes. Dessa maneira o cordel surge inserido no campo das estratégias citadas por Certeau, estas num jogo tático de representação e espaço pautado na ênfase de uma cultura classificada como popular, que na verdade se reflete nas ações e práticas das “pessoas comuns” que com suas realidades também contribuem para a formação cultural e construção da história. Ao citar Certeau neste trabalho não tenho como intenção mergulhar nas discussões que ele faz sobre o homem ordinário e suas táticas e estratégias de representação de poder, mas na leitura do seu texto, consigo visualizar o cordel com esse efeito de bricolagem citado por ele, ou como uma dessas táticas ordinárias utilizadas pelo homem comum para obter sua posição nos jogos de poder.

Inserido na sala de aula, pode desempenhar um papel importante na representação de uma parcela da sociedade que muitas vezes não se sente representada nos ambientes de educação formal. É preciso destacar que não se trata de dissociar ou criar grupos diferenciados — principalmente no ambiente escolar, nosso foco de estudo — mas analisar as diferentes representações que contribuem com suas produções para a formação daquilo que entendemos como cultura. Dentro das interpretações sobre cultura, identificamos o cordel como popular por suas ligações com os costumes do povo, a realidade das pessoas comuns, algumas características que são singulares às pessoas que não são representadas nos livros, nas mídias ou nos grandes centros de circulação de informação. Porém, assumir essa opção, a da cultura popular, não quer dizer excluir ou criar sociedades que não convivam ou não possam compartilhar dos mesmos espaços,

credos, visões, costumes, ou seja, na junção dessas diversas representações de diversos grupos, temos a formação de uma cultura una, mesmo quando compartimentada.

Sendo assim, Roger Chartier argumentava que era praticamente impossível rotular objetos ou práticas culturais como “populares”. Focalizando os grupos sociais, e não os objetos ou práticas, pode-se argumentar que as elites da Europa Ocidental no começo dos tempos modernos eram “biculturais”, participando do que os historiadores chamam de “cultura popular” e também de uma cultura erudita de que as pessoas comuns estavam excluídas. Só depois de meados do século XVII as elites deixaram em geral de participar da cultura popular. Os especialistas várias vezes sugeriram que as muitas interações entre cultura erudita e popular eram uma razão para abandonar de vez os dois adjetivos. O problema é que sem eles é impossível descrever as interações entre o erudito e o popular. Talvez a melhor política seja empregar os dois termos sem tornar muito rígida a oposição binária, colocando tanto o erudito como o popular em uma estrutura mais ampla (BURKE, 2005).

Apesar de não termos a intenção de usar os conceitos de cultura com o objetivo de dissociar os grupos sociais, é necessário analisar as diversas vertentes que surgem desses conceitos. Falar de cultura popular não é criar um novo padrão daquilo que é ou não cultura, mas analisar os elementos que manifestos de diferentes formas, dão base para nossa compreensão do tema. O cordel, dentre esses elementos, carrega conceitos e expressões mais associadas a determinados grupos, estes com características singulares, com produções muito íntimas de suas realidades, dialogando não somente com a realidade daquele que produz o cordel, mas também com a realidade do seu leitor. Sua diversidade temática, faz com que o cordel se faça presente em variados grupos sociais, dando voz consequentemente a outras realidades, discutindo temas do homem comum, do cotidiano que muitas vezes passa despercebido daqueles que produzem a história enquanto relato oficial, mas que de igual forma contribui para a construção da mesma enquanto uma sucessão de fatos num determinado tempo.

Darnton em “O Grande Massacre de Gatos” faz uma bela explanação sobre como se constitui a cultura popular. Em vários trechos da sua obra ele comenta sobre como os “pequenos” fatos do período medieval e moderno eram várias vezes ocultos da história

oficial, porém determinantes para o contexto daquela sociedade durante o período enfatizado. Outra questão muito relevante abordada nessa obra de Darnton, é a importância dos contos para a formação do que compreendemos como cultura popular. Ele faz uma análise de uma série de contos para mostrar como estes são baseados em fatos cotidianos da população da época retratada.

Um conto da tradição oral, “La Renade” (conto tipo 460), começa de maneira parecida: “Era uma vez dois irmãos que receberam as heranças que o pai deixara para eles. O mais velho, Joseph, ficou com a fazenda. O mais novo, Baptiste, recebeu apenas um punhado de moedas; e, como tinha cinco filhos e muito pouco com que alimentá-los, caiu da indigência (DARNTON, 1988, p. 48).

O conto ao qual Robert Darnton se refere em sua obra traz como tema não só a questão da herança dividida entre irmãos, onde, pelos costumes da época, o mais velho ficava com a maior parte, mas também trata sobre a escassez de alimentos que assolava a França entre os séculos XVI e XVII, criando uma classe cada vez maior de famintos e miseráveis chamados de indigentes. O ponto a ser analisado nesse trecho e relacionado com o presente trabalho é que o cordel, assim como os contos franceses, procura enfatizar temas que proporcionam espaço e priorizam acontecimentos presentes no cotidiano das pessoas comuns, problemas sociais que numa visão macro poderiam passar despercebidos, mas que ganham notoriedade, ou ao menos, visibilidade através das produções da literatura de cordel. Com isso, essas obras que priorizam temas referentes à realidade da população reforçam o ideal de cultura popular, ou seja, elementos culturais que são construídos a partir da realidade cotidiana das pessoas comuns e que também contribuem para a construção do que conhecemos como história. Interessante que, respeitando as devidas proporções, o cordel reproduz esse espaço ao imaginário popular como outras obras dentro da história já o fizeram. *O queijo e os vermes*, de Ginzburg, trata brilhantemente sobre o período inquisitorial que se estende até o início da Idade Moderna, discutindo a inquisição, o poder da igreja e sua relação com a sociedade através do relato do julgamento de um moleiro, personagem comum, sem tanta notoriedade social no século

XVI, mas que suas ações e seu modo de vida revelados podem nos oferecer grande conhecimento sobre o contexto daquele período.

Chamava-se Domenico Scandella, conhecido por Menocchio. Nascera em 1532 (quando do primeiro processo declarou ter 52 anos), em Montereale, uma pequena aldeia nas colinas do Friuli, a 25 quilômetros de Pordenone, bem protegida pelas montanhas. Viveu sempre ali, exceto dois anos de desterro após uma briga (1564-65), transcorrida em Arba, uma vila não muito distante, e numa localidade não precisada da Carnia. Era casado e tinha sete filhos; outros quatro haviam morrido. Declarou ao cônego Giambattista Maro, vigário-geral do inquisidor de Aquileia e Concórdia, que sua atividade era “de moleiro, carpinteiro, marceneiro, pedreiro e outras coisas”. Mas era principalmente moleiro; usava as vestimentas tradicionais de moleiro – veste, capa e capuz de lã branca. E foi assim, vestido de branco, que se apresentou para o julgamento.

O livro traz características importantes sobre o período, possíveis diálogos e percepções da religiosidade e poder durante a atuação da inquisição, todas essas importantes características a partir da interação com um popular. Analisar essa obra agrega para o uso do cordel nas aulas de história poder demonstrar, aos alunos e também a outros professores, a possibilidade de uma história que não se resuma somente ao rei, ao príncipe, ao alto clero, os grandes imperadores e presidentes, mas que também contemple as pessoas que cotidianamente, sem interromper suas atividades diárias, também constroem a nossa história. Ao ler sobre Menocchio – personagem descrito no livro de Ginzburg – percebemos que ele possuía todas as características sociais para não ser notado naquele contexto, mas através do seu discurso e relação criada ao ser julgado pela inquisição, notamos quão importante fora sua contribuição para que pudéssemos compreender melhor aquele cenário histórico.

Mais que demonstrar a participação popular na construção da história, inserir o cordel nas aulas como elemento da cultura popular, vem reforçar um espaço de participação a elementos, muitas vezes, marginalizados na história que também tem suas ferramentas de comunicação e representação, possibilitando assim, diferentes estratégias para que conheçamos a história conforme o viés popular e com base nas diferenciadas leituras de

mundo. Assim, utilizar o cordel não é monopolizar a representação cultural popular através dessa literatura, mas disponibilizar um elemento que possa contribuir no objetivo de também representar a cultura popular e ressoar a voz e a visão daqueles que a compõem, fazendo da sala de aula, além de um ambiente de aprendizado formal, um espaço de representação de diferentes ideias e visões de diferentes camadas da nossa sociedade. O cordel — respeitando diferentes épocas, contextos e lugares — se assemelha ao desenvolvimento da música popular e sua consolidação como representação cultural relevante. O jazz, por exemplo surge num cenário musical inicialmente produzido por pessoas que não possuíam as melhores condições para fazê-lo, mas aos poucos se insere em diferentes ambientes atingindo o consumo por diversos grupos sociais, sem necessariamente perder a essência popular presente em seus modelos de críticas e expressões de angústias próprias do povo.

Justamente nesse ponto analiso o cordel que carrega em sua essência o modo de ver o mundo influenciado pela população, ou seja, por uma já formada cultura popular que mesmo quando não possuía o espaço necessário para se expressar, já havia desenvolvido suas táticas e formatos, assim como o cordel, literatura de composições muitas vezes simples, mas que trata de temas importantes ao cotidiano do povo, ressaltando que mais que tratar desses temas, numa linguagem amplamente compreendida por todos.

Em História Social do Jazz, Hobsbawm mostra justamente como esse gênero musical nasce nas camadas populares, mas acaba alcançando outros setores sociais, fenômeno que comproendo ocorrer de forma semelhante no cordel.

O jazz era originalmente uma música para ser apreciada pelos menos intelectuais ou especialistas, pelos menos privilegiados, menos educados ou experientes, tanto quanto por outras pessoas - embora os aficionados e especialistas de jazz tenham relutado muito mais em admitir isso do que os músicos. Ele também se destinava a ser tocado por pessoas que o houvessem aprendido "de qualquer maneira". O ouvinte de jazz não precisa do tipo de preparação necessária para se apreciar uma fuga, o músico de jazz pode se apresentar sem o treino necessário para se cantar em coloratura, embora isso não signifique que ambos não se beneficiassem de uma educação musical. Mais ainda: o jazz é um manifesto musical de populismo. A Viúva Alegre pode ser a grande ópera do cidadão

musicalmente modesto, mas o real ou pseudoconjunto de jazz não foi de maneira alguma imitação de um gênero mais ambicioso ou respeitável. Forte, áspero, com um som (mesmo sem acréscimos pseudojazzísticos das panelas, buzinas, e chapéus estranhos) totalmente inusitado que parecia apenas um conjunto de metais não disciplinado tocando em um local pequeno demais para o seu som. O conjunto de jazz dos primeiros tempos conseguiu marcar seu lugar com as cores da vulgaridade. Seu apelo não acontecia apenas porque as pessoas gostavam do som, mas por ser uma conquista popular sobre a cultura de minoria, como a dos Irmãos Marx, que interromperam a apresentação de uma ópera para fazer com que os músicos tocassem *Take Me Out to the Ballgame* (HOBSBAWM, 1989, pp. 273-274).

Tal qual o jazz, o cordel utilizado como ferramenta de aprendizado em sala de aula, não representa apenas um novo — entenda-se nem tão usual — ou diferente método utilizado, mas a conquista de um espaço onde o conhecimento pode ser construído através do resultado do conhecimento erudito, o livro didático, e uma das diversas formas de representação do conhecimento e cultura popular, a literatura de cordel. Se busca com o uso do cordel, em sala de aula, demonstrar aos alunos que a cultura é diversa e que o aprendizado sobre história também pode acontecer de diversas maneiras e diferentes formas de diálogo, buscando contemplar assim as diferentes realidades existentes no ambiente escolar e representar os diversos aspectos que compõem a cultura.

Além da importância da discussão sobre o conceito de cultura popular, também é válido promover em sala de aula, através do cordel, uma ressignificação sobre o que é estudado em história e as diversas opiniões que podem ser emitidas sobre um mesmo fato. Muitos alunos – e também professores – ainda vêem a história como a disciplina que estuda o passado, da mesma forma que consideram cultura popular somente aquilo que está ligado a fatos passados e a tradições forjadas através desses fatos. “Pensar a ‘cultura popular’ como sinônimo de ‘tradição’ é reafirmar constantemente a ideia de que a sua idade de Ouro deu-se no passado” (ARANTES, 1998, p.17), ou seja, as tradições e costumes, elementos inerentes a uma sociedade, são partes que contribuem para a formação de um todo, de uma cultura em geral, porém não podem ser compreendidos como únicos elementos que formam a cultura dita “popular”. Esta cultura não é formada somente pelas tradições, mas por todo um conjunto de fatos e características que ocorrem a todo o

momento no cotidiano das pessoas, ou seja, assim como a história, a cada nova ação realizada pelo homem, a sua cultura – seja popular ou não – cada vez mais se enriquece e cresce, estabelecendo relações socioculturais que extrapolam os limites da tradição.

Embora se procure ser fiel à “tradição”, ao “passado”, é impossível deixar de agregar novos significados e conotações ao que se tenta reconstituir. Isso é inevitável, porque a própria reconstituição é informada por e é parte de uma reflexão sobre a história da cultura e da arte que, em grande medida, escapa aos produtores “populares” da cultura (ARANTES, 1998, p. 19).

O que se discute quando se trata sobre a cultura popular, principalmente em sala de aula, não é o quanto esta é mais ou menos importante dentro de um cenário geral do que é cultura, mas a importância dessa discussão é demonstrar aos alunos como parte daquilo que constitui sua realidade, seu dia a dia, também tem tamanha importância na construção do contexto histórico que se modifica a cada dia ou seja, mostrá-los que a construção da história que estudam em sala de aula também depende de sua participação enquanto sujeito histórico, e que suas ações são determinantes para o curso do contexto o qual estão inseridos.

4. Cordel e Ensino de História

Um dos principais pontos que me fez recorrer ao cordel enquanto ferramenta para uso nas aulas de história, foi a possibilidade de construir saberes históricos que se relacionassem com as diversas realidades existentes numa sala de aula e que proporcionassem uma maior participação de professores e alunos na construção desses saberes. O cordel enquanto elemento da cultura popular se aproxima dos problemas e angústias que permeiam a realidade daqueles que compõem o ambiente escolar, além disso é uma expressão artística de representação simples e prática – apesar de também obedecer a regras no seu processo de produção. Essa simplicidade observada não quer dizer que diminua sua importância enquanto arte, mas manifesta-se no sentido de permitir uma participação mais real do leitor/ouvinte ou de qualquer pessoa que entre em contato com esse gênero.

Trabalhar o cordel nas aulas de história, surge então como uma possível alternativa de incentivar aos alunos participarem do processo de produção de um importante elemento da cultura popular nordestina, inserindo nesse contexto, os conteúdos da disciplina história, proporcionado aos alunos um sentimento de participação e pertencimento ao cenário de construção de determinados saberes históricos, ou seja, aulas de história que, além de trabalhar a teoria necessária, também foquem na participação prática dos seus agentes. “O efeito sobre a vida prática (mediado seja como for) é sempre um fator do processo de conhecimento histórico, de tipo fundamental, e deve ser considerado parte integrante da matriz disciplinar da ciência história” (RÜSEN, 2010, p. 86). Trabalhar ensino de história através da literatura de cordel, vai além de disponibilizar novas ferramentas, mas descobri-las e através delas permitir a criação de uma identidade entre o sujeito e o contexto no qual está inserido, ou seja, uma história que lhe seja útil para o próprio reconhecimento enquanto sujeito histórico inserido na vida em sociedade, quanto para uma tradução dessa consciência de pertencimento em atividades práticas que exteriorizem essa construção de saberes. O cordel, seja no ensino de história ou não, por todo seu contexto, não deixa de ser também um saber histórico. Sobre “a práxis” do saber histórico, Rüsen afirma:

Quero tratar da “práxis” como função específica e exclusiva do saber histórico na vida humana. Isso se dá quando, em sua vida em sociedade, os sujeitos têm de se orientar historicamente e têm que formar sua identidade para viver – melhor: para poder agir intencionalmente. Orientação histórica da vida humana para dentro (identidade) e para fora (práxis) – afinal é esse o interesse de qualquer pensamento histórico (2010, p.87).

Estudar história através da literatura de cordel, contribui para que o aluno desenvolva, durante o processo de aprendizagem, consciência das intencionalidades dos seus atos enquanto sujeito histórico e das informações estudadas por ele ao se “debruçar” sobre os fatos históricos. Perceber que a história é construída através de intencionalidades e que aquele que tem o poder de contribuir para essa construção muitas vezes pode interferir nesse processo. Assim como o cordel é uma versão ou visão daquele que o produz, a história estudada na sala de aula por diversas vezes é a reprodução de determinada versão ou visão de um fato, o que não impede que esse aluno consciente dessas intencionalidades busque conhecer diferentes interpretações sobre a história, fazendo isso, claro, munido minimamente de importantes conceitos da história como o fato, a fonte, o tempo, entre outros; conceitos estes que podem ser tranquilamente trabalhados no contato com a literatura de cordel. Além dessa consciência sobre as intencionalidades presentes na história, o cordel pode contribuir para a conscientização do sujeito do seu papel de agente histórico.

A apropriação da história “objetiva” pelo aprendizado histórico é, pois, uma flexibilização (narrativa) das condições temporais das circunstâncias presentes da vida. Seu ponto de partida são as histórias que integram culturalmente a própria realidade social dessas circunstâncias. O sujeito não se constituiria somente se aprendesse a história objetiva. Ele nem precisa disso, pois já está constituído nela previamente (concretamente: todo sujeito nasce na história e cresce nela). O que o sujeito precisa é assenhorrar-se de si a partir dela. Ele necessita, por uma apropriação mais ou menos consciente dessa história, construir uma subjetividade e torná-la a forma de sua identidade histórica. Em outras palavras: precisa aprendê-la, ou seja, aprender a si mesmo (2010, p. 107).

O que Rüsen afirma, e consigo perceber esse potencial na literatura de cordel aplicada ao estudo de história, é a necessidade de uma história, ou melhor, um trabalho com a história que enfatize cada vez mais a participação do sujeito e sua inserção na compreensão da relação da construção da história e as diversas realidades existentes nos variados contextos.

Quando trabalhamos temas da história através do cordel, temos o intuito de demonstrar ao aluno que a narrativa presente no cordel é uma visão de alguém que viveu ou teve contato com determinado fato, resultando assim numa percepção com base em seus conceitos pessoais, influenciado claro por todo um contexto envolvido. Ou seja, ao professor cabe levantar a discussão, por exemplo, sobre quais motivos levaram o autor do cordel a expressar sua opinião sobre determinado assunto e questionar qual a relevância daquela expressão relacionada ao fato histórico, para assim os alunos perceberem a possibilidade que têm de participarem ativamente da história através de suas discussões, opiniões e ações que possam contribuir para a construção de uma nova interpretação sobre os fatos. Mais que opiniões, ao trabalhar o cordel em sala de aula, o professor terá a oportunidade de discutir conceitos da história com os alunos, para que estes possam participar da construção de saberes pautados de conhecimentos científicos mínimos para uma legitimação da história enquanto saber e ciência.

Um simples livreto de literatura de cordel pode ser um ponto de partida para trabalhar conceitos; o folheto em si é uma fonte histórica, podendo ser trabalhado com os alunos significados de fontes materiais e imateriais; alguns desses folhetos tratam de temas que são fatos históricos e também podem servir de elemento para a construção das aulas. As informações contidas nos folhetos - por mais reais que possam se apresentar - não são ou não devem diretamente ser expostas como única fonte histórica a ser conhecida, ao contrário, os conteúdos dos folhetos de cordel devem servir como ponto de partida para o levantamento de discussões acerca dos fatos retratados, pois como toda produção, o cordel também é permeado de intencionalidades, visões e opiniões, estas muitas vezes fruto de determinados interesses e posicionamentos políticos. Ao utilizar o cordel o professor deve estar ciente da sua obrigação de discutir todos esses pontos com seus alunos, para assim eles se sentirem cada vez mais participantes dessa história e

perceberem a possibilidade do uso desses conhecimentos para questões diárias de seu cotidiano, discussões políticas, sociais, debates de gênero, religião, entre tantos temas tratados na história e que são ressignificados nos cordéis. Ou seja, o exercício de um conhecimento histórico que tenha aplicação prática na vida dos envolvidos.

Espera-se que ao longo do ensino fundamental os alunos gradativamente possam ampliar a compreensão de sua realidade, especialmente confrontando-a e relacionando-a com outras realidades históricas, e, assim, possam fazer suas escolhas e estabelecer critérios para orientar suas ações (BRASIL, 1998, p. 43).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam que o ensino de história deve estar voltado a uma gradativa ampliação da compreensão da sua realidade pelo aluno, contribuindo para que esses conhecimentos adquiridos em sala de aula tenham uma praticidade maior na sua vida e contribuam efetivamente para uma consciência sobre as suas decisões e o impacto delas na realidade na qual estão inseridos. O cordel, inserido no ensino de história, tem como função disponibilizar uma, entre as diversas possibilidades, de estudar história através de processos e métodos que permitam o aluno se sentir ativo nessa construção de saberes, partindo do uso de elementos que sejam próximos a suas realidades e lhe sirvam como ponto de partida para compreender e discutir outras realidades diferentes da sua. Ainda pensando sobre essa consciência de participação e ação enquanto agente do processo de construção da história, podemos relacionar o que indicam as diretrizes dos PCN do ensino médio, sobre o porquê ensinar história: enquanto disciplina escolar, ela deve ampliar os estudos sobre as problemáticas contemporâneas, servindo como esteio para a reflexão de possibilidades de continuidades e/ou rupturas necessárias (2000, p. 20).

Assim, introduzir o cordel surge também, dentro do objetivo de possibilitar um ensino de história que enfatize a prática, como uma maneira de incentivar essa reflexão sobre a realidade que os alunos estão inseridos, pois além da literatura de cordel ser produzida por pessoas que estão inseridas em nosso contexto, também traz, em seu conteúdo, diversas temáticas que retratam os desafios da população nordestina, tomando-a como

exemplo. São cordéis que retratam a sede, a fome e a seca no sertão, que discutem a política no Nordeste, que numa menor esfera refletem muitos dos vícios da política brasileira, entre diversos outros temas. Não é somente o cordel que pode possibilitar esse processo, mas é uma das ferramentas que podem ser utilizadas para que, como descrevi acima, o aluno discuta o cenário da política brasileira observando diferentes épocas, questionando-se e discutindo sobre o que mudou, o que ainda necessita ser mudado, e o que talvez possa continuar, mas não uma avaliação meramente documental, mas que dialogue com a realidade vivida por eles, fato que possibilita um estudo de história “vivo”, ou seja, que permita uma maior participação de todos agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, o cordel também atende a outras recomendações dos parâmetros curriculares, tais como a utilização de diferentes fontes do conhecimento que não somente a escrita. Apesar do cordel hoje ter uma representação através da escrita de seus textos, mantém íntima ligação com a cultura oral.

O estudo de novos temas, considerando a pluralidade de sujeitos em seus confrontos, alterando concepções calcadas apenas nos “grandes eventos” ou nas formas estruturalistas baseadas nos modos de produção, por intermédio dos quais desaparecem de cena homens e mulheres de “carne e osso”, tem redefinido igualmente o tratamento metodológico da pesquisa. A investigação histórica passou a considerar a importância da utilização de outras fontes documentais, além da escrita, aperfeiçoando métodos de interpretação que abrangem os vários registros produzidos. A comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, sonora e pictórica (2000, p. 21).

O estudo da história deve também priorizar outros elementos que constituem a formação humana, que permeiam sua realidade contribuindo para a construção do seu ser. Assim, se faz importante o estudo daquela história que não está escrita nos livros didáticos, mas que é feita dia a dia através dos discursos, dos gestos, das expressões corpóreas frente aos fatos, da percepção política da população e das diferentes formas que as pessoas encontram para expressar suas opiniões sobre os fatos. As próprias preferências da população dizem muito sobre como elas interpretam a realidade a sua volta, ou mesmo como forma de protestar sobre aquilo que as incomoda. Desse feito, estudar história,

rerito, vai além de debruçar-se sobre o livro didático, mas levar para o ambiente de sala de aula todas – ao menos as possíveis – essas particularidades para o ambiente escolar e fomentar um estudo de história pautado não somente no que vemos e ouvimos, mas muito mais baseado naquilo que todos nós, enquanto sujeitos históricos, fazemos. Marc Lamont demonstra em seu livro “Batidas, rimas e vida escolar”, a relação positiva que a utilização do hip-hop enquanto ferramenta nas aulas pode causar gerando uma maior interação dos alunos por identificarem proximidades com a sua realidade.

Ao longo do semestre, os alunos, de forma consistente, manifestaram preferência por textos que enfatizavam especificidades geográficas e conhecimento local. Por exemplo, textos de artistas como Nas e Jay-Z forneceram informações consideráveis sobre suas respectivas vidas nos Projetos de Habitação Queensbridge e MarcyHousing nos bairros do Queens e do Brooklyn, em Nova York. Ao se envolverem com tais textos, muitos estudantes, mesmo aqueles que eram geralmente menos engajados ou falantes, tornaram-se mais ativos nas tarefas em sala de aula (2014, pp. 94 e 95).

A experiência do uso do hip-hop em sala de aula fornece dados importantes que reforçam a utilização do cordel e justificativa para tal. Não se trata de encontrar um método perfeito de estudo da história, mas proporcionar, no ambiente escolar, métodos de ensino e estudo da história que incentive aos alunos se sentirem parte desse processo de construção do conhecimento. Saberes que são adquiridos no ambiente escolar, mas que utilizam frequentemente àquilo que ocorre fora da escola e não somente a partir de experiências de outros, mas àquelas vivenciadas pelos próprios estudantes em suas comunidades.

5. Trabalhos e obras

Ao tratar sobre o uso do cordel no ensino de história se faz importante, além de embasar esse trabalho em experiências de sala de aula, buscar outras produções que sirvam como base, mesmo que comparativa, para minha proposta de uso do cordel nas aulas de história. É importante frisar que nessa busca precisamos distinguir algumas produções de cordéis, ou seja, pura literatura de cordel, de trabalhos acadêmicos voltados ao tema e seu uso em sala com o objetivo de fins educacionais. Na busca por essas obras foram tomadas algumas características principais como critérios para que essas produções pudessem ser usadas no trabalho. É importante frisar que os critérios acabam diferindo ao analisar as produções, ou seja, para os trabalhos acadêmicos foram adotados critérios diferenciados das produções literárias de cordel. Nos trabalhos acadêmicos um dos principais critérios foi a relação da produção acadêmica sobre o cordel com as questões que envolvem a sala de aula; já nos cordéis pesquisados, o principal critério adotado foi que os contextos relatados pudessem ser utilizados como tema nas aulas de história.

Vale frisar que, ao fazer essa análise, se tem como intuito encontrar elementos que dialoguem entre as diferentes práticas escolares de ensino que utilizem o cordel e também suas diferenças, para assim visualizar os diferentes meios de utilização do cordel como ferramenta pedagógica e sua relação com a cultura da sala de aula, além disso também observar nas produções de cordéis a presença de temas e elementos que possam ser trabalhados em sala de aula, abrindo um espaço de debate que enfatize nos cordéis a presença de diferenciadas visões políticas de mundo, incentivando assim o debate democrático dessas visões compartilhadas, demonstrando a importância da discussão política sem no entanto estabelecer um único discurso ou posicionamento partidário. Essa atividade é muito importante no sentido dos próprios alunos identificarem nos cordéis esses discursos políticos, tendo clareza de que o sujeito que escreve aquela obra tem o direito de posicionar-se, porém trabalhar aquela obra não os obriga a compactuar com as ideias e posicionamentos ali expressos.

5.1 Trabalhos acadêmicos

Um dos primeiros trabalhos analisados trata diretamente do uso da literatura de cordel em sala de aula como ferramenta pedagógica nas aulas de geografia. Em artigo intitulado “A literatura de cordel como ferramenta no ensino da geografia”, Robson de Jesus Santos e Shiziele de Oliveira Shimada³, esta orientadora desse trabalho, buscam de maneira rápida esclarecer como o uso do cordel pode contribuir para a elucidação em sala de aula de conceitos importantes para o estudo da geografia, e que, partindo dessa interação, é possível relacionar outras ciências, buscando nos cordéis, além de suporte temático para o estudo da geografia, evidências históricas, sociais, econômicas e culturais da região Nordeste (2017, p. 01). O artigo analisado dialoga com o presente trabalho, pois ao incentivar o uso do cordel para o estudo de história, também tem como intuito contribuir para a percepção de outros elementos importantes à formação do conhecimento, seja na área da geografia, das letras ou do crescimento do conhecimento cultural. Vale salientar que o trabalho é resultado de pesquisa realizada na Universidade Federal de Sergipe, com o objetivo de discutir a utilidade do uso do cordel em sala de aula, nesse caso voltado ao ensino da geografia, reforçando que o tema em questão pode ser analisado e discutido com um aprofundamento maior, objetivando também o desenvolvimento de novas ferramentas de ensino. Ao trabalhar o cordel como ferramenta de ensino na geografia, os autores usaram como recurso algumas obras da literatura de cordel sergipana⁴ — ponto que também coaduna com o meu trabalho — gerando uma valorização da cultura local e a apropriação dessa cultura por parte dos alunos ao manterem contato com esse material. Um dos focos ao relacionar geografia e cordel é o uso do cordel como elemento para a compreensão de diferentes termos utilizados nas aulas de geografia, como exemplo, a

³ Professora Adjunta de Geografia da Universidade Federal de Sergipe/UFS. Professora do Mestrado Profissional para Ensino das Ciências Ambientais (ProfCiamb). Possui graduação em Licenciatura em Geografia/UFS (2007), graduação em Geografia-Bacharelado/UFS (2010), mestrado em Geografia/UFS (2010) e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (2014). Especialista em Docência do Ensino Superior (2009) e em Gestão Pública Municipal (2012).

⁴ Obras coletadas na Biblioteca Pública Municipal Clodomir Silva e na Biblioteca Pública Estadual Epifânia Dória, ambas em Aracaju.

compreensão da categoria “região”. Esse trabalho muito se assemelha ao uso cordel nas aulas de história, por exemplo, ao utilizar cordéis que retratem fatos passados, ou até outros temas, temos a oportunidade de discutir junto aos alunos conceitos base do estudo de história como o tempo, fato histórico, fonte, agente histórico, entre outros importantes temas da disciplina história. É importante frisar que nem sempre o professor irá encontrar esses conceitos diretamente discutidos no cordel, porém cabe a ele selecionar textos que o permitam explorar minimamente esses temas. Por exemplo:

Se Chico Mendes não fosse
mundialmente famoso,
a justiça ignoraria
esse podre e pantanoso
faroeste brasileiro,
onde o rico fazendeiro
desfila impune e garboso.

No Brasil, a realidade
do faroeste é voraz.
Já na ficção esse filme
fajuto perdeu cartaz.
Caducou, perdeu a graça,
e há muito tempo, só passa
nos corujões matinais.

Ao trazer um cordel que trata sobre Chico Mendes, “A morte de Chico Mendes deixou triste a natureza”⁵, o professor pode, por exemplo, trabalhar o conceito de agente histórico, explicando que esse conceito se aplica tanto a alguém como Mendes, que tem destaque na história nacional, como também a nós, que apesar de não termos notoriedade histórica, também somos agentes, contribuindo para a construção da história através de nossas diferentes realidades. Outro trecho de outro cordel que pode ser utilizado:

Precisavam mão-de-obra,
Trazendo então prisioneiros;
Da África vieram os
Grandes navios Negreiros
E nas viagens sofridas
Poucos chegaram inteiros.

No cordel “Quilombolas, a revolta dos escravos”⁶, o professor pode utilizar a escravidão para trabalhar o conceito de fato histórico, exemplificando a diferença entre fatos históricos e acontecimentos cotidianos, demonstrando a necessidade existente no primeiro em impactar de forma muito veemente a sociedade na qual ocorre para assim ser

⁵ Cordel de Manoel Santamaría.

⁶ Cordel de J. Victtor.

classificado como fato histórico. Ainda, ao manusear qualquer cordel que trabalhe elementos da nossa história permite ao professor a discussão sobre as fontes históricas, demonstrando a relação do cordel tanto com as fontes materiais, através de seus folhetos, como as fontes imateriais, pois a maioria dos textos dos cordéis são frutos de relatos da cultura oral.

Além do uso para os conceitos teóricos, o cordel, tanto no ensino de história como no de geografia, também contribui para o levantamento de discussões políticas, pois ao tratar, mesmo que ironicamente de temas voltados ao poder estatal, às mazelas do país, problemas socioeconômicos, permite que os alunos possam refletir mais a fundo sobre essas questões, desenvolvendo argumentos mais sólidos que abordem coerentemente suas realidades, ou seja, contribuindo também para o desenvolvimento do pensamento crítico do sujeito em sociedade.

Ser enganador, mentir
Enrolar, ser trambiqueiro
Gostar de fazer promessa
Não pagar, ser trapaceiro
Eis os requisitos básicos
Do político brasileiro.

Fazer tudo por dinheiro
Detestar pessoa séria
Não importar se o povo
Tá morrendo na miséria
Quando escutar falar dela
Achar que isso é pilhória.

Se a fome deletéria
Castiga um desempregado
Ao saber dessa notícia
Fingir-se penalizado
Porém, quando for comer
Não lembrar do esfomeado

No exemplo acima podemos perceber uma visão do autor sobre o perfil do político brasileiro. Apesar da forma direta e contundente das opiniões expressas, estas refletem, ao menos, um pouco do pensamento do povo em relação à classe política brasileira. É sempre importante que o professor enfatize que a literatura de cordel em sua construção

por vezes se utiliza do exagero, da sátira e ironia para enriquecer seus textos, o que não impede que a partir dessas obras sejam levantadas discussões pertinentes sobre o cenário atual do país e como a população observa essas questões.

Outro trabalho interessante que analisei, e seu conteúdo reforça bastante minha proposta de uso do cordel em sala de aula, é a dissertação de Roberta Monteiro Alves, também aluna da Universidade Federal de Sergipe, trabalho que lhe concedeu o título de mestre na área de Estudos de Linguagem e Ensino, orientada pela Prof.^a Dr.^a Denise Porto Cardoso. Em dissertação intitulada “A literatura de cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico”, Roberta levantou a discussão do uso do cordel dentro das salas de aula, com o intuito de contribuir na formação do pensamento crítico dos alunos, dividindo um espaço que ainda é majoritariamente ocupado pelas obras clássicas. Um argumento importante utilizado por ela em seu trabalho é que o uso do cordel vem possibilitar que o ensino possa contemplar as diferentes realidades, visando responder às necessidades específicas do contexto vivenciado pela educação no Nordeste. Em vez de reproduzir padrões determinados em outros estados, o cordel como ferramenta de ensino busca aproximar o ensino da realidade vivida pelos alunos do Nordeste, na tentativa de responder às particularidades que não podem ser atendidas se direcionadas por outros modelos de produção do conhecimento baseados em realidades que não aquelas vividas por alunos.

Assustadoramente, ficou claro que o ensino no país não dava conta das particularidades regionais, das necessidades apresentadas pela diversidade cultural do Brasil e, o que é ainda mais alarmante, que as autonomias e os sujeitos não encontram espaço, senão aquele que é idealizado e modelizado a partir de experiências totalmente diferentes de ensino-aprendizagem nos demais estados do país (ALVES, 2010, p. 9).

Um dos pontos que chamam bastante minha atenção e dialogam com meu trabalho – e meu objetivo em sala de aula ao adotar esses recursos – é que a inserção do cordel em sala de aula pode contribuir não só para a revitalização desse gênero literário e maior difusão de suas obras nas escolas, mas como afirma Alves (2010), subsidiar a formação de sujeitos e discursos cientes de sua identidade e cidadania. Para contemplar suas intenções de pesquisa, a autora dividiu seu trabalho em três momentos, a pesquisa

bibliográfica em torno de questões formais do cordel e sua interação em autores e leitores; numa pesquisa de campo em torno de conhecer um pouco mais dos trabalhos de cordelistas sergipanos; a terceira, e que mais se aproxima do meu trabalho, a aplicação de cordéis em sala de aula experimentando quais seriam os resultados dessa ferramenta em uso na escola a partir da interação de professores e alunos junto às obras.

No primeiro capítulo ela destaca pontos importantes sobre a história do cordel, dos cordelistas e seus desdobramentos no Brasil. No segundo capítulo ela faz uma discussão sobre o cordel enquanto gênero textual e sua importância para a formação dos discursos e sua relação com as disputas de poder dentro do nosso país. Esse ponto se assemelha bastante com minhas intencionalidades ao trabalhar com o cordel nas aulas de história, pois permite que as discussões em sala de aula não fiquem “presas” somente ao conteúdo didático trazido pelos livros, mas que essa discussão possa dialogar diretamente com a realidade de professores e alunos, partindo também de materiais que estejam inseridos nessas realidades, que representem um pouco do mundo vivido por esses personagens do processo educativo. No cordel, vejo esse potencial, não de resumir de forma fidedigna o contexto das escolas aqui no Nordeste, mas de ser um material com temáticas relevantes sobre as realidades da nossa sociedade e que precisam ser discutidas em nossa sala de aula para que possamos nos apropriar cada vez mais dos elementos que constroem a nossa realidade e influenciam a nossa forma de viver em comunidade.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade a custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002, p. 17).

Trabalhar o cordel nas aulas de história parte da tentativa de permitir aos sujeitos que compõem o processo de ensino-aprendizagem se tornarem autônomos dos seus posicionamentos políticos e pensamentos críticos, tendo a possibilidade de contato com obras diferenciadas com visões e posicionamentos diversos.

Outro ponto importante discutido no trabalho pesquisado é a discussão de história e memória a partir da literatura de cordel. Há uma discussão sobre esses conceitos que

muito chama minha atenção, inclusive o posicionamento da autora em seu trabalho. Para Davallon (2007) a memória somente existe quando esta sai do campo da insignificância e recebe destaque dentro de determinado contexto. Através de outras leituras, Alves (2010) ressalta também a importância de elementos culturais na construção desse significado da memória. Justamente nesse ponto que nossos objetivos ao utilizar o cordel em sala de aula se encontram, pois em nossas realidades, percebemos que o cordel tem o potencial — não de ser o único elemento — de contribuir nessa construção da memória através da sua íntima relação de seus temas com os fatos ocorridos em nossa região, permitindo também assim que, além de construir memória, nossos alunos possam através de discursos mais próximos da sua realidade se perceberem como agentes dentro dessa construção histórica.

Deste modo, a noção de representação pode ser construída a partir das acepções antigas. Ela é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime, quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Há aí uma primeira e boa razão para fazer dessa noção a pedra angular de uma abordagem a nível da história cultural (CHARTIER, 2002, p. 23).

Como já abordei anteriormente neste trabalho, usar o cordel em sala de aula não tem como intuito desenvolver uma forma de aprendizado revolucionária, até porque a busca pelo conhecimento por si só já é uma grande revolução do ser, mas permitir que nossos alunos, e também nós enquanto professores, tenhamos a oportunidade de contato com ferramentas de ensino e estudo que nos representem ante ao contexto e realidade os quais vivenciamos. Ter a existência de trabalhos na UFS que discutem sobre o uso do cordel em sala de aula, para mim, é um passo importante e um fator de motivação, pois demonstra que minha prática em sala de aula não estava tão distante da forma como podemos utilizar tais elementos culturais em favor do processo de ensino-aprendizagem e levanta uma discussão importante sobre novas metodologias de ensino que possam efetivamente contribuir para estudo da história em nossas escolas.

Além disso, trabalhos que enfatizem essas temáticas contribuem cada vez mais para a discussão de questões pertinentes ao ensino, não exclusivamente o cordel, mas tantas

outras metodologias que, com uma maior atenção daqueles que estão à frente do processo educacional, podem contribuir para uma reformulação ou apenas um auxílio ao desenvolvimento do aprendizado de nossos alunos em sala de aula. Algo que é importante frisar sobre o uso do cordel em sala de aula – e Roberta Monteiro esclarece bem nos capítulos finais do seu trabalho – é que, como qualquer outra estratégia utilizada pelo professor, os resultados advindos do seu uso nem sempre serão os pretendidos e cabe ao docente a capacidade de administrar bem sua relação com a turma independente das reações causadas pelo cordel inserido em suas aulas de história, pois como qualquer setor da nossa sociedade, a sala de aula também é composta por diversas realidades, contextos, pensamentos, ou seja, um ambiente plural, onde o resultado do contato com essas novas estratégias por parte dos alunos necessariamente não será o mesmo, além de outros fatores presentes em nosso ambiente escolar que, por uma ou outra eventualidade como provas, notas, conteúdo, entre outros, podem afetar o desenvolvimento das atividades com o cordel, o que não significa deixar de usá-lo, mas ter a ciência que para algumas situações a estratégia poderá ser aplicada e para outras não, sem invalidar a possibilidade de trabalhá-la e colher resultados desse trabalho. Utilizar essas ferramentas não quer dizer buscar melhorar o ensino de história, mas melhorar a interação professor-aluno para que assim o processo de ensino-aprendizagem da disciplina seja facilitado, tornando uma atividade mais cômoda e um processo mais proveitoso ao aprendizado e à relação entre professor e aluno.

Um outro trabalho muito interessante que me proporcionou boas informações e direcionamentos sobre o uso do cordel em sala de aula foi o artigo intitulado “Saber acadêmico versus saber popular: a literatura de cordel no ensino de práticas agrícolas”. Esse trabalho se mostrou importante diante de alguns questionamentos levantados em relação ao uso da literatura de cordel para práticas de ensino por conta da grande carga popular presente em suas construções, visto que muitas pessoas podem não o enxergar como uma ferramenta útil no processo de ensino-aprendizagem alegando falta de ciência — e nesse caso, não estamos falando sobre as regras referentes à produção do cordel, mas aos conceitos próprios da pesquisa, do estudo e do ensino de história — em suas obras. É sabido que nos cordéis, nem sempre encontraremos conteúdos que busquem relatar exatamente fatos, mas muitas estórias preenchidas de crenças populares e visões dos seus

autores sobre diversos aspectos da sociedade que os rodeia, o que não invalida seu uso pedagógico.

O uso do cordel nas aulas de história tem como intuito reforçar o uso do conhecimento acadêmico, mas utilizando outras formas que não as usuais para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Com base nessa intencionalidade, enxergo diálogo entre meu trabalho e o artigo que discute o cordel como elemento de coesão entre o saber acadêmico e o saber popular. Logo em seu resumo o artigo é claro que seu objetivo é apresentar resultados do uso do cordel, por alunos do curso de Medicina Veterinária, como ferramenta de interação entre os saberes produzidos pela academia e aqueles produzidos pelo povo. O foco de estudo desse grupo é discutir os danos que o fogo indiscriminado pode causar e como utilizar técnicas de queima controlada. Vejamos o trecho do cordel onde Sousa e Souto (2016) trabalham essas temáticas:

“É o saber acadêmico
Que se junta ao popular
Para ensinar ao povo
As queimadas controlar
Pra não devastar a terra
E preservar seu lugar” (p. 201)

Nesse trabalho, há um público direcionado, o homem do campo, cuja realidade está diretamente ligada ao tema objeto de discussão dos alunos. Dessa forma, eles avaliaram o cordel como a ferramenta adequada para esta abordagem, visto que a linguagem utilizada pela literatura de cordel pode contemplar de forma mais abrangente a realidade daquele público-alvo, pois por conta do caráter popular e linguagem de fácil compreensão, o cordel pode tratar de temas de caráter essencial, sem perder a seriedade da discussão, mas criando uma interação maior por ser uma produção diretamente ligada à realidade da maioria do público que deve ser atingido. Um dos pontos apresentados no trabalho de medicina veterinária, e que muito se aproxima da minha visão sobre a utilidade do cordel no processo de ensino-aprendizagem, é a sua vastidão de temas discutidos numa linguagem muito própria, que permite o consumo desses textos tanto por parte da sociedade que obteve mais acesso à educação formal como àquelas que necessariamente não frequentaram a escola no período devido ou nem sequer a frequentaram, pois seus textos buscam uma linguagem próxima à realidade do contexto da sociedade nordestina

com expressões e jargões que se fazem entendidos por fazerem parte da maioria dos eventos ocorridos no dia a dia dessas pessoas. Mesmo que alguns temas necessitem de um aprofundamento científico maior, o cordel cumpre o papel de ao menos apresentá-los à sociedade, permitindo uma interação que possibilite uma futura discussão sobre determinado tema se necessário. Essa facilidade de exposição de temas e fácil interação com os leitores são as marcas que permitem ao cordel ser uma ferramenta de grande utilidade na sala de aula, para assim, trabalhando temas relativos ao ensino de história, criar essa importante interação entre professor e alunos, também entre os próprios alunos, facilitando a introdução das discussões voltadas aos conteúdos que são desenvolvidos ao se estudar história. Vale frisar que, assim como discutido neste artigo sobre práticas agrícolas, alguns conteúdos da história vão sempre estar mais ligados a uma ou outra parcela da sociedade, sendo assim, além do incentivo do uso do cordel para variados temas do ensino e estudo de história, vale ainda mais seu uso quando apropriado de temas relacionados à história e cultura nordestina, pois assim tanto o tema quanto a forma de discorrê-lo estarão mais alinhadas à realidade da sociedade que o estuda, nesse caso específico, a população nordestina.

A inovação didática, com a introdução de material diferenciado que envolva aspectos culturais da região a que pertencem os alunos, cria vínculos com os costumes de sua “gente”, de sua “terra”, gerando, assim, uma alternativa de produção e transmissão de múltiplos conhecimentos. Além disso, ao despertar o interesse dos alunos, novos temas poderão ser trabalhados para a valorização de sua comunidade, por meio da convivência familiarizada com a cultura regional/local, articulando diferentes saberes produzidos pelos meios populares (MONTEIRO, 2007 apud SOUTO; SOUSA, p. 197).

O uso do cordel em situações de contato com alunos que tiveram ingresso tardio com na escola, caso da modalidade de educação de jovens e adultos (EJA), ou problemas de aprendizagem, se mostra vantajoso também por seu caráter lúdico, fato que também é um facilitador do processo de interação entre professor e aluno e da própria relação entre o aluno e os conteúdos estudados, além da tradição oral ligada ao cordel, fator este que possibilita até uma metodologia diferenciada de alfabetização e discussão do conteúdo, fazendo assim que, mesmo aqueles alunos que ainda não dominam a leitura, através das histórias de cordel, contadas ou lidas em sala de aula pelo professor, possam não só

permitir a discussão do tema por partes dos alunos, mas também despertar neles o interesse por aprender a ler. Particularmente, achei muito interessante a forma como a turma de medicina veterinária trabalhou, pois eles utilizaram um cordel intitulado “Diálogo entre o saber acadêmico e o popular” onde é discutido entre pai e filho as consequências e formas do uso da queimada, vale ressaltar que no conteúdo do cordel são enfatizados métodos científicos do uso da queimada, mas também são prestigiadas maneiras como as queimadas são usadas partindo do senso comum, na verdade, do saber popular adquirido a partir de experiências do uso desse processo por entre os anos. Partindo dos poemas de cordel, os autores discutem diversos temas importantes relacionados ao uso do fogo, contemplando pareceres científicos e do saber popular. Vejamos outros trechos do cordel utilizado por Sousa e Souto (2016, p. 201):

- | | |
|--|--|
| – Meu grande e querido pai
Com educação e respeito
Eu peço a sua atenção
Para lhe falar com jeito
No momento das queimadas
O que pode ser feito | Sei de sua experiência
E sei que ela tem valor
Se junto ao que eu aprendi
Na universidade for
Quem ganha é a comunidade
Onde o líder é o senhor |
| – Filho você tem estudo
E eu tenho a experiência
Cuide no que vai dizer
Que ouço com paciência
Mas vou logo lhe avisando
Sou duro de influência | – Meu filho, gostei da ideia
E tô doido pra aprender
Quando eu souber direitinho
Pra comunidade ver
Vou dizer como se faz
E mostrar como fazer |

A análise desses trabalhos é muito importante para a reflexão do meu trabalho com cordel no ensino de história, pois permite a percepção de ferramentas utilizadas, as quais posso aplicar também a minha atuação em sala de aula, enquanto professor. Também serve como um parâmetro para avaliação daquilo que já desenvolvi, permitindo assim uma melhor análise dos pontos positivos e negativos, facilitando dessa forma a continuidade ou não de práticas, sempre procurando a melhor estratégia de trabalho para buscar a interação necessária com os alunos com o intuito de trabalhar os conteúdos da melhor forma, esta que desperte discussão e a capacidade de análise e crítica em nossos

discentes. Trabalhar o cordel no ensino de história é buscar elementos que transformem o aprendizado histórico num processo de formação a partir das experiências desses alunos em seus mais variados contextos. Como afirma Rüsen,

O aprendizado histórico, inserido na dimensão da experiência, torna-se um processo de formação, sempre que se tenha constituído determinada competência experiencial. Essa competência consiste em que as experiências históricas são conscientes, ou seja, que o movimento de busca do conteúdo empírico do saber histórico nasce do próprio sujeito, de sua curiosidade empírica. Ela não advém mais da apropriação, adoção e elaboração dos saberes disponíveis sob a pressão de experiências externas do tempo. A formação é uma transformação estrutural da experiência. A experiência sempre tem um lado ativo e um lado passivo. Algo se impõe, de fora, à consciência, mas é esta que, ao registrá-lo, o processa com recursos interpretativos próprios, fazendo-o perceptível e cognoscível. O processo de transformação da experiência, no qual o aprendizado se torna formação, é uma transferência da ênfase do lado passivo para o ativo. O sujeito transcende seus próprios limites e os do saber histórico que lhe é dado e põe-se à busca de novas experiências históricas. Nesse movimento, ele agrupa a si novas dimensões da experiência histórica, correspondentes a seus próprios interesses, aspirações e esperanças. O sujeito desenvolve um sentido para alteridade temporal e para os processos temporais, que o conduz do outro experimentado ao eu vivenciado, tornando esse eu muito mais consciente e conferindo-lhe uma dinâmica temporal interna muito mais elaborada (2010, pp. 112 e 113).

O cordel enquanto ferramenta pode possibilitar aos alunos experiências para que estes tenham os elementos necessários a sua formação enquanto sujeitos críticos da sua realidade, construindo argumentos que resultem da sua própria ação enquanto agentes históricos e tendo uma melhor percepção do contexto que os cercam. Dessa forma, esse elemento pode ser um facilitador na construção do senso crítico e consciência histórica desse aluno frente aos temas abordados. É possível utilizar o cordel enquanto uma ferramenta de formação que, dialogando com a realidade daquele aluno, poderá contribuir para uma atuação prática e concretização desse aprendizado em ações que modifiquem seu contexto.

5.2 Cordel nos livros didáticos⁷

Além dos trabalhos acadêmicos que discutem a inserção da literatura de cordel, também temos livros, com o perfil de livro didático, voltados tanto para professores quanto para alunos, que sugerem formas de trabalhar o cordel aliado aos conteúdos da sala de aula. Muitos desses livros buscam orientar sobre as diversas formas de uso do cordel em sala de aula, ou mesmo trabalham conteúdos das disciplinas — em nosso caso específico, história — utilizando formas e padrões próprios da literatura de cordel. Uma obra muito interessante e importante para quem deseja trabalhar com o cordel é “O cordel no cotidiano escolar” de Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, inclusive obra também utilizada na construção deste trabalho. Em seu livro, os autores além de explanarem um breve histórico sobre a literatura de cordel, trazem um capítulo muito interessante para o uso dos professores em sala de aula, pois apresentam várias sugestões de trabalho com o cordel a serem desenvolvidas no ambiente escolar. Dentro dessa ótica, há ainda a relação feita por Marinho e Pinheiro (2012) da literatura de cordel com outras produções que já são difundidas e até trabalhadas no ambiente escolar como forma de compartilhar a arte e a correlacionar conteúdos escolares que possam estar diretamente ou indiretamente ligados a essas obras.

É bom lembrar aos estudantes que a literatura de cordel já inspirou inúmeras peças de teatro de modo determinante ou não. Por exemplo, *A casa do bode*, de J. Carlos Lisboa, *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, alguns momentos de *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. (2012, p. 131)

Outra questão abordada no livro e que pode ser melhor trabalhada pelos professores em sala de aula são as xilogravuras existentes nos cordéis. O cordel se destaca bastante pela forma de construção dos seus versos e pela sua oralidade com características próprias, porém as gravuras utilizadas em seus folhetos podem ser amplamente trabalhadas e

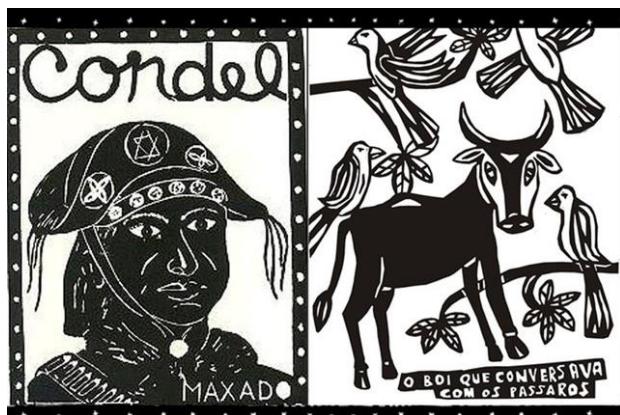
⁷No que tange aos livros didáticos consultados, no momento de pesquisa para construção dos cordéis, apenas a série conecte de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos apresentou sugestão de atividade com a literatura de cordel. Outros materiais consultados foram os livros de História Global, Brasil e Geral, de Gilberto Cotrim e a coleção de livros de história da SAE Digital voltada para os anos finais do ensino fundamental.

discutidas sempre buscando uma relação entre essas imagens, os temas dos cordéis e o conteúdo que o professor deseja trabalhar com os alunos.

Outra atividade que pode ser realizada em sala de aula — e que inclusive atende bem à perspectiva de interdisciplinaridade tão em voga — é discutir e trabalhar as ilustrações típicas dos folhetos, que são as *xilogravuras*. Depois que os alunos conhecerem um número significativo de xilogravuras, deve-se conversar sobre esta forma de produção cultural, chamando a atenção para as condições sociais em que foram e continuam sendo produzidas, sua relação com as histórias, seu caráter mais ou menos realista ou fantasioso, dentre outras questões (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 131).

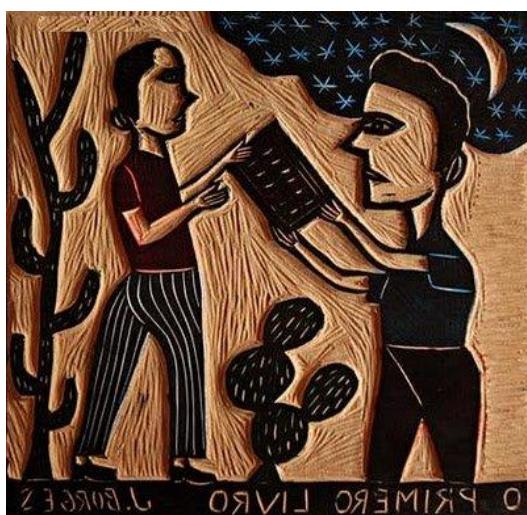
As xilogravuras dos cordéis geralmente são feitas através de moldes de madeira chamados de matrizes, processo que requer uma atenção e dedicação intensa por parte do artista, fato que valoriza ainda mais o seu trabalho. Vejamos um exemplo de xilogravura:

Imagen 1



Abaixo um exemplo de matriz de xilogravura:

Imagen 2



Partindo desses exemplos, o professor pode desenvolver atividades que incentivem os alunos a desenvolverem suas próprias capas de cordéis, de modo a experimentarem o processo de produção semelhante ao das xilogravuras, para assim proporcionar a experiência efetiva da produção desse tipo de material. Materiais como esse, que incentivam e norteiam o uso do cordel em sala de aula, são muito importantes, pois permitem ao professor o desenvolvimento de diversos métodos de estudo a partir das sugestões dadas, em nosso caso especificamente o uso do cordel, contribuindo para uma aula baseada na livre expressão, no questionamento e na discussão dos assuntos, utilizando-se para isso de expressões artísticas sem deixar de trabalhar o conteúdo científico necessário ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Em minhas aulas, por exemplo, desenvolvi atividades que permitiam aos alunos desenvolverem as próprias capas dos seus cordeis, assim eles tinham a oportunidade de, além de desenvolverem suas habilidades com o desenho, produzirem imagens que pudessem expressar seu ponto de vista crítico sobre os assuntos que tratavam em seus textos.

Um ponto muito importante destacado no livro “O cordel no cotidiano escolar” é que o uso da literatura de cordel em prol das atividades de ensino-aprendizagem desenvolvidas na sala de aula deve ter como intuito motivar a participação dos alunos nas discussões sobre as disciplinas. Dessa forma, utilizar a literatura de cordel em sala de aula como instrumento obrigatório ou avaliativo, inserido num contexto desmotivante ou que não favoreça ao aluno o envolvimento com as discussões não é o melhor caminho a ser seguido, seu caráter lúdico não pode ser suprimido em prol da satisfação de exigências do professor. O cordel deve servir como um elo que promova a interação entre professor e aluno e favoreça o envolvimento da turma com os temas relacionados e o conteúdo trabalhado a partir do uso de cordéis.

É sempre bom lembrar que as atividades de criação em sala de aula devem ter um caráter lúdico, favorecendo a livre expressão do aluno e jamais serem usadas de modo obrigatório ou para fins avaliativos. A mentalidade produtivista que tem invadido a escola faz com que alunos e professores não se permitam a apreciação artística de qualquer atividade posterior. Imaginemos o desprazer que sentiríamos se tivéssemos que escrever algo sempre que lemos uma crônica, um livro de poemas ou qualquer outro texto. Portanto, sugestões de invenção e reinvenção a partir de texto não devem servir de camisa de força, antes, como momento alegre de tentativa

de invenção e posterior socialização do que foi criado (MARINHO e PINHEIRO, 2012, pp. 141, 142).

Os próprios momentos de avaliação podem ser ressignificados, tirando o peso da obrigatoriedade e gerando uma participação espontânea da turma, num processo onde os alunos sintam a necessidade de fazer parte por significar para eles um momento de exporem suas ideias e pontos de vista, e não apenas mais uma prova com medidas quantitativas e presas a padrões pré-definidos que limitam a participação do aluno.

É evidente que ao desenvolver qualquer atividade em sala de aula, o professor, deseja sempre a participação e envolvimento da turma, porém é necessário que este esteja sempre preparado tanto para um bom fluir da atividade e participação dos alunos, como também para a sua negativa. O resultado da atividade, mesmo quando aparentemente negativo, é importante para que o professor também possa refletir sobre sua prática e ação em sala de aula, levando sempre em conta os diferentes contextos e realidades vividos pelos alunos e toda carga externa ao ambiente da sala de aula que diversas vezes influencia também a vida escolar dos nossos alunos.

A partir dessa maturidade do professor, do não enfrentamento com a turma quando a recepção das atividades pelos alunos não for a esperada, fica mais fácil também a possibilidade de trabalhar as questões sobre cultura popular e qual a percepção desses alunos sobre essas questões, principalmente quando aplicadas em sala de aula, discutindo sua importância na formação da cultura brasileira como um todo e dos seus desdobramentos na história enquanto disciplina escolar.

Outra obra muito interessante para os professores que desejam trabalhar o ensino de história através da literatura de cordel é o livro “*História do Brasil em Cordel*” de Mark Curran. Nessa obra, o autor faz um recorte temporal dos primeiros anos da República Velha, mais exatamente a partir de 1896, até o período da redemocratização em 1985, abordando fatos da história brasileira que ocorreram nesses períodos e mostrando a percepção desses contextos a partir da visão dos cordéis de cada época. O livro na verdade deixa bem claro os períodos e fatos históricos a serem trabalhados:

1. 1896-1918 (Canudos e a República Velha)

2. 1920-1930 (Os Anos Turbulentos)
3. 1930-1954 (A Época de Vargas)
4. 1955-1964 (A Volta da Democracia)
5. 1964-1985 (Brasil: Ame-o ou Deixe-o – Síntese de uma Época)
6. De 1985 ao Presente (Depois da Euforia, a Volta ao Normal)

A forma como ele trabalha os temas em seu livro é muito interessante, e importante objeto de reflexão para o professor de história que deseja trabalhar cordel em suas aulas, pois ao invés de produzir uma “enciclopédia” com cordéis que discorressem sobre todos os temas sugeridos, Curran mostra a atuação do cordel enquanto expressão artística em cada período citado no livro, demonstrando a percepção dos cordelistas em relação aos acontecimentos da época e sociedade em que estavam inseridos.

Os recortes feitos por Mark Curran são muito interessantes e possibilitam boas discussões em sala de aula, pois para cada período e fato descrito no livro, ele não somente utiliza trechos de obras de cordéis, mas também cita cordelistas importantes dessas épocas que se posicionavam sobre os fatos ocorridos no país através de suas rimas, agindo assim como um elemento de interligação entre as informações daquilo que acontecia no país e a população, principalmente nordestina, que não tinha acesso ou mesmo, em determinados casos, formação de opinião acerca dos acontecimentos registrados. Ou seja, mais que meios de comunicação, cordéis e cordelistas acabavam por se tornar também instrumento formador de opinião de grande parte das pessoas que mantinham contato com suas obras.

Dentro dos temas tratados em seu livro, o autor traz vários trechos de cordéis muito interessantes e didáticos, mas o importante a se discutir aqui é que a forma como ele organiza sua obra permite ao professor demonstrar em sala de aula que trabalhar história junto à literatura de cordel não só é possível como é algo que já acontecia, mesmo que não fosse de forma intencional com objetivo pedagógico. Nas discussões em sala aula, ao tratar dos fatos históricos presentes na disciplina e nos livros didáticos, é importante que o professor não utilize somente obras atuais, mas, como Curran, utilizar obras e autores, sempre que possível, dos períodos estudados e dos fatos discutidos, pois dessa forma

facilita a contextualização da literatura de cordel com os temas estudados, demonstrando que seus autores não estavam alheios aos acontecimentos do Brasil, mas sim sempre buscando produzir cordéis que demonstrassem seu posicionamento e suas opiniões sobre o contexto do país em diferentes períodos, principalmente o contexto da sociedade nordestina.

É importante ressaltar que quando salientamos a necessidade de apresentar o posicionamento desses cordelistas contemporâneos aos fatos discutidos na disciplina história, não estamos afirmando ser necessário compactuar com suas visões e opiniões expressas em seus cordéis, ao contrário, debruçados sobre essas produções e junto à turma, o dever do professor é levantar debates que enfatizem sempre a necessidade de buscar compreender o porquê das opiniões emitidas naquele cordel, em qual contexto foi escrito, por quem, para quem, entre outras questões importantes a serem analisadas sempre que discutimos determinados acontecimentos da história que podem envolver diferentes opiniões e visões. Mais uma vez, como tenho repetido neste trabalho, reforço que utilizar o cordel nas aulas de história não passa por uma fórmula acabada e precisa do conhecimento, onde acharemos as respostas para todos questionamentos feitos sobre a história, longe disso, mas encontramos, mesmo que minimamente, uma ferramenta de trabalho que nos permite analisar a história através de uma outra forma de produção literária que não só as já tradicionalmente utilizadas, como o caso do livro didático.

O contato com outras opiniões, visões, posicionamentos e percepções de mundo através de uma expressão cultural muito mais próxima do povo contribui para uma formação histórica muito mais próxima da realidade vivida pelo aluno. Ou seja, reconhecer a importante participação da cultura popular em nossa formação histórica, é, como afirma Rüsen, reconhecer que “a cultura histórica nada mais é, de início, do que o campo da interpretação do mundo e de si mesmo, pelo ser humano, no qual devem efetivar-se as operações de constituição do sentido da experiência do tempo, determinantes da consciência histórica humana (2010, p. 121)”. Dessa forma, incentivar o uso da literatura de cordel nas aulas de história vai além de reduzir o ensino a uma única ferramenta ou vertente da cultura popular que pode ser utilizada nas aulas, mas demonstrar que diversas expressões artísticas, sobretudo as de cunho popular, podem favorecer o processo de

ensino-aprendizagem enfatizando que a história é construída com a participação de todos e todos nós devemos nos colocar na posição de agentes históricos e perceber que nossos posicionamentos, enquanto atores sociais inseridos num contexto, também fazem parte desse processo de construção, devendo também ser tratado como parte importante.

5.3 Cordéis e temas para as aulas de história

Como o foco do trabalho é o uso do cordel em sala de aula como ferramenta de auxílio para as aulas de história, não poderia faltar uma análise, mesmo que breve, de obras de cordéis voltadas exatamente aos conteúdos trabalhados na disciplina história. Vale ressaltar que temos inclusive em nosso estado, Sergipe, professores de história que já desenvolvem esse trabalho, utilizando o cordel como ferramenta de ensino, alguns produzindo até seus próprios cordéis, como é o caso do professor de história da Rede Estadual de Educação do Estado de Sergipe, professor José Antônio dos Santos⁸, mais conhecido popularmente como “Zé Antônio”. O Professor “Zé Antônio” produziu diversos cordéis voltados aos temas mais conhecidos nos conteúdos estudados em história. Dentre os temas tratados pelo professor, podemos encontrar livretos que mencionam desde o trajeto de Lampião no sertão nordestino até outros sobre temas internacionais como as revoluções russa, chinesa e cubana, por exemplo.

Vejamos alguns exemplos:

(Lampião, o guerreiro do sertão)

“Pra analisar Lampião
E a sua trajetória
Para ter a conclusão
É preciso rever a história
Das condições do Nordeste

⁸ Nasceu no povoado Oiteiros, Moita Bonita, em Sergipe, no dia 09 de agosto de 1955. É professor de história da Rede Estadual de Educação do Estado de Sergipe. Em 1983, publicou seu primeiro cordel: “O sofrimento do nordestino ou o flagelo da seca.”

Naquela época inglória.”

(A Revolução Russa)

[...]volto agora para Lênin
Seguindo o itinerário
Desde menino, foi Lênin
Um revolucionário
Contra o czar ditador
Foi grande agitador
No meio universitário

(Che Guevara e a Revolução Cubana)

Alguns jovens patriotas
De Cuba entram em ação
Para derrubar Fulgêncio
Batista, grande ladrão
Porém, foram derrotados
E jogados na prisão(1953)

(A Revolução Chinesa)

Mao Tsé-Tung mudou
A estrutura fundiária
Confiscou todas as terras
Da classe latifundiária
E entregou aos pobres da China
Fazendo reforma agrária.

Mas é perceptível que suas obras focam mais nos temas da história que se referem à realidade nordestina e de seu povo. Frequentemente, os cordéis do professor “Zé Antônio” trazem em seu conteúdo a vida da população nordestina e os problemas políticos que faziam e fazem parte do contexto dessa parcela da população brasileira. Algumas das suas produções são “O guerreiro de Belo Monte contra Prudente Madeira”, no qual retrata através de suas rimas a trajetória de Antônio Conselheiro no arraial de Canudos e toda questão política envolvendo as diferentes manifestações sobre o regime republicano de governo e a volta da monarquia.

“Porém, veio Conselheiro
C’uma nova pregação:
- Seguir a cristo na terra,

Vivermos em união
Com essa filosofia
Ter na terra moradia
E no Céu a salvação.”

Outro título interessante é “Lampião, o guerreiro do sertão”, em que é retratada a vida e percurso de Lampião pelo Nordeste, sempre envolto de mitos e verdades que fazem sua história sempre cada vez mais interessante.

“Vou contar uma história
De um cabra valentão
Que durante vinte anos
Lutou no nosso sertão
Seu nome era Virgulino
E o apelido Lampião.”

Além dos temas voltados ao nordeste, “Zé Antônio” também se posiciona sobre temas mais gerais, mas, com certeza, não menos importantes e que ainda hoje são debatidos tanto no ambiente escolar como fora dele. Um desses temas está presente no folheto “Zumbi, o sonho da igualdade”, no qual o professor levanta a discussão sobre racismo a partir da história de Zumbi dos Palmares e todo contexto de escravidão que envolve o desenvolvimento do Brasil desde o período colonial.

“O nosso irmão Zumbi
Com sua formação
Levantou novo quilombo
Lá na serra Dois Irmãos
Era a nova fortaleza
Dos negros em sua defesa
Lutando contra a opressão”

Também em suas obras trata sobre o regime da ditadura civil-militar que é instaurado no Brasil a partir de 1964 e que somente se encerra em 1985. Sempre preciso, o professor deixa claros seus posicionamentos em seus textos, não se abstendo de demonstrar suas opiniões sobre os temas tratados em seus cordéis. Essas suas intencionalidades e posicionamentos ficam evidentes em outra obra sua, o cordel intitulado “O manifesto comunista comentado em cordel”, produção a qual o professor Antônio utiliza para

abordar as questões pertinentes ao socialismo de Karl Marx e manifestar sua simpatia às causas operárias.

“As proporções do conflito
Na linha de produção
A divisão do trabalho
Aumenta a exploração
Do ‘homem explorando o homem’
Burguês explora peão”

A meu ver, o ápice da obra do professor “Zé Antônio” se dá com o lançamento do cordel “A história de Sergipe decantada em cordel”, obra lançada em 2016 pela EDISE, onde o professor de forma muito didática retrata a história de Sergipe com seus principais acontecimentos com rimas muito bem elaboradas e de agradável leitura.

“Lá por mil e oitocentos
E cinqüenta e cinco, era o ano
Em dezessete de março
Neste solo sergipano
Mudaram a capital
Pro espaço ambiental
Dos mangues aracajuanos

Cinco anos depois que
Foi mudada a capital
Visitou nosso Sergipe
O governo imperial (1860)
Com festa e esplendor
Na ponte do imperador
Desceu família real”

A obra do professor José Antônio, além de uma importante produção da literatura de cordel sergipana, também pode ser utilizada como uma relevante ferramenta nas aulas de história, porém mesmo diante de um vasto e organizado trabalho, cabe aos professores que utilizarem suas obras enfatizar a necessidade de discussão das opiniões expostas, pois a partir da análise e debate dos temas, das diversas opiniões expressas, é possível ter uma melhor percepção sobre os fatos estudados.

Mesmo assim, isso não impede que o professor trabalhe com esses materiais em sala de aula, porém é aconselhável que sempre procure enfatizar que as opiniões expostas nos folhetos dos cordéis são fruto das vivências e experiências dos seus autores. Na verdade, o cordel e qualquer outra expressão artística, mesmo as de culturas populares que são tratadas neste trabalho, não devem ser vistas como obras que irão para a sala de aula formar a opinião dos alunos, mas elementos de discussão que possibilitem aos mesmos, junto aos professores, perceberem a importância da sua atuação no processo de construção do conhecimento, dos saberes históricos, e assim, se tornarem cada vez mais atuantes no processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

6. Produto

6.1 Surgimento da ideia

O desenvolvimento do meu produto se deu mediante a uma sucessão de fatores que se relacionam desde meu primeiro contato com a literatura de cordel na educação básica até o meu ingresso no mestrado profissional em ensino de história. Uma melhor compreensão da minha relação com o cordel e sua importância na minha própria educação se dá após uma intensa reflexão da minha prática em sala de aula, que só pude compreender melhor e relacionar com minha formação educacional como um todo após as discussões promovidas no curso das disciplinas do mestrado que contribuíram bastante para um melhor esclarecimento sobre como minha realidade poderia contribuir para o desempenho do meu papel como professor, aprendendo assim também a dar a devida importância às diferentes realidades de meus alunos.

Na verdade, minha relação com o cordel se inicia na infância, quando meu primeiro contato com os livretos de cordel ocorre nos primeiros anos do ensino básico. Sempre fascinado com a forma como as rimas eram declamadas e os versos produzidos, logo busquei conhecer um pouco mais sobre o cordel, me estimulando às primeiras experimentações, apenas vez ou outra escrevendo algumas rimas com os mais variados temas. Com o passar do tempo e minha conclusão da licenciatura em ensino de história, ingressei na profissão de professor. Ao passar a conviver diariamente com os alunos, pude experimentar as diferentes experiências de um professor ao estar em sala de aula, experiências estas que num primeiro momento podem aparentar ser positivas ou negativas.

Sempre procurei diferentes formas de ensinar a disciplina, de maneira que pudesse gerar uma maior interação com a turma, buscando assim uma maior participação dos alunos nas discussões levantadas em sala de aula, mas é fato que, como toda ação humana, a sala de aula nem sempre sugere ser um ambiente motivador, seja por questões externas ao ambiente escolar ou mesmo questões que envolvem a própria escola.

Diante desse quadro, percebi que algumas das minhas turmas não conseguiam ter a atenção necessária, ou mesmo participação, para que pudessem assimilar os conteúdos trabalhados nas aulas de história. Claro que, a não participação, muitas vezes tinha relação com questões externas ao ambiente escolar, tais como problemas familiares, econômicos ou mesmo por questões de ordem alimentar que impediam que alguns desses alunos participassem com mais empenho das aulas. Independente dos motivos que os impediam de serem ativos nas discussões em sala, busquei refletir sobre meu papel enquanto professor e em diferentes maneiras que pudessem auxiliar meu desempenho ao trabalhar os conteúdos de história e que motivasse os alunos a adentrarem nas discussões e emitirem suas opiniões, facilitando assim o processo de ensino-aprendizagem. Essa reflexão, auxiliada em grande parte pelas discussões nas disciplinas do PROFHISTÓRIA, me incentivaram a buscar diferentes formas que pudessem deixar as aulas mais atrativas para aqueles alunos que não conseguiam se motivar “apenas” com o conteúdo do livro didático.

Rememorando meu período enquanto aluno, lembrei-me das atividades desenvolvidas por alguns professores que envolviam o conteúdo programático da disciplina com diversas expressões artísticas, sendo que as que mais me atraíam eram aquelas que envolviam música e poesia, especialmente a literatura de cordel, pois a forma da sua escrita e declamação me sugeria uma polarização dos dois gêneros, provocando em mim, não só atenção, mas um desejo de participação e aprendizado enormes. Além disso, durante minha formação na graduação, tive contato com a literatura de cordel através de alguns eventos sobre, o estudo e ensino de história, que focavam na relação desse conhecimento com as expressões artísticas populares, dentre estas o cordel.

Partindo da reflexão sobre minha prática enquanto professor e das experiências com literatura de cordel enquanto aluno, seja na educação básica ou durante a graduação, decidi desenvolver atividades que relacionassem um pouco da realidade do cordel – sua forma de escrita, destaque para sua oralidade, seu caráter lúdico – com os conteúdos que eu desejava e precisava trabalhar com minhas turmas em sala de aula. Como durante esse período eu lecionava em uma escola de ensino privado, havia toda uma cobrança para que todos ou, pelo menos, a maioria dos conteúdos fossem trabalhados, assim era necessário

todo um planejamento para que houvesse uma otimização entre os fatores tempo e aprendizado, o que nem sempre era possível. Assim, utilizar o cordel nas aulas de história surgiu para mim como uma oportunidade não só de interagir melhor com meus alunos, conseguindo uma participação maior dos mesmos nas discussões levantadas a partir dos conteúdos da disciplina história, mas também aperfeiçoar o meu trabalho diante das cobranças que eram feitas diariamente.

Antes de levar qualquer conteúdo relacionado ao cordel para sala de aula, me debrucei a fazer uma pesquisa sobre materiais já existentes que envolvessem os conteúdos de história como temas para a construção dos livretos de cordéis. Além dessa pesquisa, busquei idealizar formas diferentes de como trabalhar os conteúdos nas aulas de história de maneira tal que efetivamente conseguisse a participação da turma nas discussões e questionamentos sobre o conteúdo trabalhado, ação esta que em algumas turmas se resumia a alguns poucos alunos. Curiosamente, enquanto procurava desenvolver diferentes atividades para minhas aulas de história, senti a necessidade prática de intervir em uma situação específica que ocorria em uma das minhas turmas. O colégio o qual eu lecionava a disciplina história possuía duas turmas de 6º ano (sexto ano), por conta do grande número de alunos presentes nessas turmas, estas divididas em 6º ano A e 6º ano B. Independente de qual turma estivesse, sempre procurava dar a mesma atenção e trabalhar os conteúdos, referentes à disciplina história, com o mesmo empenho, sempre claro respeitando as particularidades e individualidades presentes em cada sala.

Justamente por conta dessas particularidades, senti a necessidade de aprofundar um pouco mais a forma de trabalho no 6º ano A, pois estava percebendo que os alunos do 6º B estavam conseguindo compreender melhor as aulas de história, além disso sempre se mostravam mais participativos nas discussões levantadas em sala de aula, perguntando, questionando, buscando solucionar dúvidas e muitas vezes expressando suas opiniões sobre o assunto. Já no 6º A, repetidamente, os alunos não conseguiam compreender os conteúdos, pouco participavam das aulas demonstravam algumas vezes não conseguir acompanhar o raciocínio das explicações em sala de aula. As provas bimestrais se aproximavam e aquela situação gerava preocupação em mim, pois sabia que se não houvesse mudança os alunos não conseguiram boas notas e, além disso, teriam

assimilado pouco ou quase nada do assunto, não teriam desenvolvido seu senso crítico e participativo e ainda seria gerado um transtorno administrativo, este último considerado o menos importante por mim, mas que de alguma forma também afetava todo meu trabalho, pois o conteúdo seria atrasado na tentativa de mais uma vez fazer com que os alunos compreendessem o que havia sido trabalhado no anterior. Assim, decidi colocar em prática meu desejo de trabalhar a literatura de cordel em sala de aula.

É necessário frisar que trabalhar com atividades as quais os alunos não estão habituados não é uma tarefa simples, pois é preciso compreender bem as necessidades e realidades dos seus alunos, buscar ferramentas que realmente possam significar melhor a temática estudada para eles e ter em mente que um novo modelo de atividade ou aula nem sempre trará novos resultados, sendo assim é preciso também que o professor esteja preparado para os insucessos e assim estar diariamente buscando novas formas de trabalho em sua sala de aula.

Ao optar por usar o cordel, decidi criar o meu próprio utilizando fragmentos do conteúdo que estava trabalhando na turma do 6º ano – principais civilizações da Antiguidade – e criei versos que possuíssem palavras ou trechos chaves que remetessem às principais características das civilizações estudadas. Aproveitei o período próximo às avaliações para utilizar o cordel criado como uma revisão do conteúdo que seria utilizado na prova. Apesar de detectar maior necessidade de intervenção no 6º ano A, utilizei a atividade nas duas turmas, A e B, até como uma forma de perceber as diferentes interações possíveis da turma com a atividade sugerida.

Produzi um cordel composto de 18 estrofes, onde cada estrofe possuía 4 versos. No decorrer da construção do texto, procurei criar rimas que enfatizassem as principais características da Idade Antiga que são estudadas no 6º ano do ensino básico, alguns pequenos conceitos, informações geralmente novas para os alunos que estão ingressando no modelo de aulas por área, ou seja, não tem mais um único professor que trabalha diversas disciplinas, mas para cada disciplina, geralmente, um único professor. Por acreditar que essa nova experiência pudesse afetar o desenvolvimento e participação de alguns alunos, procurei, através do cordel, criar um clima mais leve na aula de história, com o intuito de facilitar a participação dos alunos na aula, criando ao mesmo tempo um

momento de diversão que trouxessem aprendizado. Assim, busquei através das rimas tocar em pontos chaves do conteúdo trabalhado no livro didático, mas com um tom lúdico, como é característico da literatura de cordel. Como resultados dessa tentativa de intervenção, para tentar solucionar a falta de participação e dificuldade de assimilação dos conteúdos, criei o que, simploriamente, chamei de “História Antiga em Cordel”, e assim busquei trabalhar diversos pontos do conteúdo que já havia trabalhado, mas antes através de formas consideradas tradicionais.

Ao trabalhar o cordel em sala de aula, procurei, após a leitura junto com a turma, discutir cada estrofe, analisando o que dizia cada verso e relacionando com o que já havíamos estudado em nossas aulas anteriores. No verso demonstrado abaixo, onde cito a importância dos rios para as civilizações antigas, enfatizo a importância dos rios para o desenvolvimento dessas primeiras civilizações e peço para que os alunos tentem lembrar os principais povos que surgiram próximo aos rios e anotarem, ao lado da estrofe, o nome dos principais rios daquele período.

Por exemplo, em uma das rimas:

*“Vez ou outra tinha enchente
Mas não era o Tietê
Pois o rio pra essa gente
Era forma de viver”*

Além disso, quando utilizo o rio Tietê nessa estrofe, procuro também instigar nos alunos sobre a importância dos elementos naturais para o desenvolvimento humano e como o homem tem cuidado desse ambiente onde vive e dos recursos que lhe são oferecidos. Claro que utilizar “Tietê” na estrofe contribui para a estilística do cordel, facilitando a composição das rimas, mas levanta a discussão da preservação dos nossos recursos naturais, pois notadamente o rio Tietê no Brasil sofre com a extrema poluição, demonstrando assim o descaso atual do homem com os recursos que a natureza lhe oferece, além de na maioria das vezes haver o consumo desequilibrado. Ainda dentro dessa temática de preservação do meio-ambiente, a estrofe permite fazer uma reflexão sobre os principais rios que banham o estado de Sergipe, inclusive o rio Piauí que banha a cidade de Boquim e como está a preservação dessas bacias hidrográficas. Além de discutir o contexto histórico inserido no cordel, tento demonstrar aos alunos as diferentes

questões que podem ser trabalhadas em uma atividade como essa, incentivando-os a buscarem o desenvolvimento de sua leitura, interpretação e escrita. Como exemplo de outras questões importantes que podem ser trabalhadas no cordel, demonstro para a turma que em muitos cordéis as palavras nem sempre são escritas segundo a norma culta da língua portuguesa, o que é permitido no cordel por conta da liberdade poética, porém sempre que eles lerem esse gênero textual devem estar atentos a essas questões, como também a expressões próprias de determinadas regiões, pois isso ajuda que possam conhecer um pouco mais sobre outras regiões e perceber as diferentes realidades que juntas formam a diversidade cultural que é o Brasil.

Em alguns outros versos utilizo expressões que facilitem o entendimento sobre alguns conceitos estudados, sobre a política de algumas civilizações antigas, por exemplo. Ao falar sobre os governos autocráticos, uso a expressão “mandão” para que os alunos pudessem ter uma mínima noção sobre as características de um tipo de governo como esse, claro que além da expressão também levanto uma discussão e procuro sempre relembrar o que foi estudado durante as aulas:

*“Um lugar bem habitado
Cada um com sua porção
E em cada cidade-estado
Possuía um mandão”*

Através de expressões simples e jargões conhecidos dos alunos, algumas vezes com tom irônico, outras com tom crítico, procuro deixar claros os conceitos trabalhados anteriormente em sala de aula sobre a antiguidade. Outra estratégia que utilizei foi marcar palavras no texto, após a leitura do cordel junto com os alunos, termos que pudessem servir como palavras-chave que remetessem a informações importantes dos conteúdos estudados, facilitando assim o processo de memorização dos alunos. É importante enfatizar que o intuito não é incentivar a tão criticada “decoreba”, mas quando falo sobre memorização, considero importante a compreensão que todo processo de aprendizado se pauta a partir de um processo de fixação e reforço das informações que são adquiridas durante o desenvolvimento educacional, contribuindo para um aprendizado menos traumático para o aluno. Não à toa, no momento que inicio a discussão do cordel com a

turma, muitos dos alunos demonstram que a maneira como o conteúdo estudado está disposto no cordel sobre história antiga facilita a compreensão e lembrança daquilo que foi estudado, pois vários alunos ao discutir o texto do cordel manifestam sua lembrança sobre temas e conceitos estudados do assunto, demonstrando até uma melhor compreensão sobre os conceitos estudados.

A aplicação do cordel “História Antiga em Cordel” como revisão para a prova dos 6º anos A e B, trouxe resultados positivos nas duas turmas. Vale enfatizar que utilizei essa atividade numa revisão de prova como forma de incentivar a participação dos alunos, pois no contexto da escola particular há uma intensificação pela busca da nota, dessa forma pensei em utilizar este cordel para facilitar a compreensão dos assuntos estudados e motivar os alunos ao conseguirem atingir a nota necessária, facilitando assim o uso do cordel no dia a dia das aulas.

Com o desenvolvimento da atividade, foi possível notar no 6º B uma intensificação na participação da turma nas aulas, algo que já era recorrente, mas que sofreu um ganho relacionado à interação professor-aluno e no interesse pelo conteúdo das aulas de história. No 6º ano A os resultados foram motivadores, atendendo a perspectiva que se esperava dentro dos problemas previamente identificados na turma, pois a maioria da turma que apresentava problemas relativos à compreensão das explicações e à participação das aulas demonstrou uma melhor interação e uma compreensão mais adequada dos conceitos, o que foi traduzido posteriormente na prova aplicada. Não que a nota da prova seja o instrumento mais adequado para essa avaliação, porém buscando compreender a exigência quantitativa existente num ambiente escolar privado, onde a nota também representa um parâmetro importante de acompanhamento do aluno, a melhora da mesma se fez importante nessa análise, além disso, enquanto professor e convivendo dia a dia com eles, pude perceber também, o que considerei muito importante, que a construção de suas respostas e sua compreensão sobre os conceitos havia melhorado, o que segundo os próprios alunos, foi facilitado pela atividade feita com o cordel.

Em outras turmas utilizei o cordel no cotidiano das aulas, como forma de introduzir, muitas vezes, os conteúdos que seriam trabalhados em história. Inicialmente levava cordeis que tratavam de variados temas, inclusive temas envolvidos com as aulas de história; fazia a leitura desses cordeis junto com a turma como uma forma de lhes

apresentar uma produção que para alguns se mostrava novidade. Após a familiarização com as obras do cordel, desenvolvíamos atividades em sala de aula que consistiam na produção de cordeis pelos próprios alunos, dessa forma eles tinham a possibilidade de experimentar a experiência de produzirem seus próprios textos exercitando sua criatividade e discorrendo sobre os temas sugeridos, de forma que pudessem expressar suas opiniões de forma crítica, sem abrir mão da ludicidade proporcionada pelo cordel.

Os temas estavam relacionados com os conteúdos que seriam estudados no curso das aulas, porém algumas atividades também eram desenvolvidas a partir de temas sugeridos pelos alunos, que tivessem relação com sua realidade ou que retratassem questões da história local da cidade ou de tradições regionais. Entre todas atividades realizadas com cordel que promovi em sala de aula, uma foi feita com a turma do primeiro ano do ensino médio. Nesta especificamente, os alunos ficaram responsáveis por escolher como tema uma festividade que tivesse destaque na história da cidade de Boquim. Alguns grupos escolheram temas como a “Festa da Laranja”, festividade relacionada à história econômica da cidade, entre outros temas. Infelizmente, por não conseguir contato com todos os alunos que produziram os cordeis, não tive a possibilidade de apresentá-los integralmente aqui neste trabalho, porém consegui apresentar a produção das alunas do primeiro ano, Camilly Maurina Bispo Rodrigues, Izabelly Oliva Cruz Vieira e Maysa Pereira da Silva Santos. As alunas produziram um cordel enfatizando as principais características dos festejos juninos:

O mês de junho chegou
E com ele a tradição
De dançar quadrilha, é festa
Comemorando o São João

Ô época boa da gôta
Danço aquele forrozim
Agarrada naquele cabra
Cherozim e bonitim

O sanfoneiro puxa o fole
E já chama o rei do baião
Convidando toda a moçada
Pra arrastar o pé no salão

Sou apaixonada pelo nordeste
Aqui nois forrozea da peste
Pena que os cabra daqui
São tudo uns cafajeste

Também tem o rebolado
Das menina faceira
Que se veste de caipira
Pra só ver a bagaceira

Aqui no sertão
Nois num desiste não
Deixa as dificuldades de lado
E vai sentar a dançar agarrado

O que me deixa aperiada
É que ainda tem uns cabra
Que prefere ir cheirar pó
Do que dá um xero na menina pintada

De um tempo pra cá
Muita coisa mudou
Antes minha vó ralava o bucho
No bucho do meu avô

Hoje em dia os moço
É tudo froxo
Fica só olhando para as meninas
Com cara e peixe morto

A festa junina
Me deixa muito contente
Cheia de comida cheirosa
Eu abro logo os dente

Tem canjica, pé de moleque
Cocada e amendoim
E no forró o que não pode faltar
É dançar agarradin

Sou nordestina com muito orgulho
Porque festa melhor que São João
Você pode procurar
Mas não encontra não

Em Boquim virou tradição
O famoso forró do Zé
Dança homem, mulher, criança
É diversão pra quem quiser

Hoje em dia os rapazes
São todos muito frouxo
Em vez de cheiro no cangote
Vão atrás de olho roxo

Bonito é ver os fogos queimando
As pessoas dançando
Todo mundo em festa
Só comemorando

Do Santo Antônio
Festa não falta não
Até junho acabar
É alegria de montão

Em Sergipe virou tradição
Todo ano tem um forrozão
Da priquitinha a bota
Ninguém fica parado não

Do Gonzaga ao Safadão
Todos cantam com animação
Da pipoquinha estralando
A espada brilhando
A galera fica delirando!

É importante analisar que no texto das alunas, além de conter elementos sobre a cultura nordestina e sua relação com as festas juninas, também existem construções que retratam a realidade vivida por elas, com problemas e questões que são vividos na faixa etária delas. São alunas adolescentes que, além de toda beleza da cultura do nordeste, expressam suas angústias com relacionamentos, festas frequentadas por outros adolescentes, porém tratam de forma sutil de questões importantes em nossa sociedade como machismo, violência e a economia regional movimentada por essas festas.

Após a apresentação dos diversos grupos que produziram cordeis, promovi uma discussão sobre como eles construíram seus textos e quais críticas poderiam ser identificadas naquelas produções, ainda, a partir dos seus cordeis, demonstrava alguns

conteúdos de história que poderiam ser trabalhados tendo como ponto de partida seus textos. Por exemplo, História de Sergipe, Cangaço, Coronelismo, entre outros conteúdos. A produção dos alunos foi um momento importante, pois além de demonstrar a capacidade que eles possuem de produzir bons textos, oportunizava a mim enquanto professor incentivá-los a identificar e estudar outros temas partindo da literatura de cordel.

Claro que nem todos os alunos se envolviam da mesma forma nas atividades, porém este também era um ponto importante, pois cabia a mim identificar o porquê da não participação, ou mesmo uma participação menos intensa, e pensar sobre novas ferramentas que pudessem também contemplar a necessidade em sala de aula daqueles alunos.

6.2 Meu Produto

Diante dessa atividade proposta em sala de aula – entre algumas outras mais simples que realizei em outras turmas – e a reflexão sobre minha prática docente, proposta do Mestrado Profissional em Ensino de História, decidi elaborar meu produto, objetivo também desse programa, com base em atividades que envolvessem a literatura de cordel. Dessa forma, a ideia final sugerida para este trabalho, foi resultado da relação entre minhas experiências e percepções enquanto professor, vivendo o cotidiano da educação básica, e as reflexões obtidas a partir do contato com colegas, professores e leituras do “PROFHISTÓRIA”. É importante enfatizar que a escolha por elaborar um pequeno catálogo com cordéis produzidos por mim, que envolvessem os conteúdos presentes nos livros didáticos, instruindo também como desenvolver atividades nas aulas de história, foi uma grata sugestão da professora Janaína⁹, melhor desenvolvida no decorrer do tempo por mim e meu orientador.

Através das atividades com o cordel percebi que muitas vezes é necessário não que o professor foque no estudo de mais conteúdo, mas em estratégias que tornem a participação do aluno em sala de aula mais prazerosa, permitindo assim ao menos uma interação melhor entre professor e aluno, para que, partindo da criação dessa boa relação, a atividade de estudo dos conteúdos se torne um processo mais espontâneo, menos mecânico e que permita ao aluno se sentir participante e não mero espectador. Proporcionar ao aluno um papel de protagonista no processo de ensino aprendizagem é uma ação importante, pois o coloca numa posição de construtor, formador de opinião e conhecimento, capaz de desenvolver diferentes saberes, em vez de, como costumeiramente é feito, o perceber em sala de aula como mero ouvinte, ou um “recipiente vazio” pronto para ser preenchido com o conhecimento oriundo exclusivamente do professor.

⁹ Bacharel e Licenciada em História (UERJ, 1997), Especialista em História Contemporânea (UFF, 2000), Mestre em Memória Social (UNIRIO, 2001), Doutora em História Social (UFRJ, 2009) com período de pesquisa sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal (FLUP, 2008). Pós-Doutoranda em Estudos Culturais (PAAC-UFRJ, 2014-2018). Professora Adjunta na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lecionou a disciplina Teoria da História para a primeira turma do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vai “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 2016, p. 104).

A proposta de trabalhar o cordel nas aulas de história busca justamente ir de encontro à postura, criticada por Paulo Freire, do professor que acredita ser o único detentor do conhecimento e que visualiza no aluno um indivíduo vazio de conhecimento que necessita ser preenchido. Utilizar elementos da cultura popular, como o cordel, alinhados às aulas de história, devem permitir ao estudante sentir-se participante, capaz de produzir suas próprias estratégias de estudo e perceber as diferentes formas de aplicar e buscar conhecimento, diferentes ferramentas que permitam que ele expresse suas próprias percepções sobre o conteúdo estudado, não se tornando apenas um mero reproduutor daquilo que é visto em sala de aula. Freire ainda afirma que *“educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber”* (2016, p. 105).

Esse “auto arquivamento” se traduz num processo onde professor e aluno, por conta dessa mecanicidade do ensino aprendizagem, limitam sua busca por conhecimento e inibem o desenvolvimento do seu senso crítico acerca do que acontece a sua volta, acomodados por padrões rigorosamente reproduzidos num sistema de educação que distancia o aluno da liberdade de busca por novos saberes e novas formas de reproduzi-los. *“Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos”* (FREIRE, 2016, p. 107).

Desenvolver atividades como o cordel surgem justamente como ferramentas, que permitam ao aluno, e também ao professor, a percepção que existem diferentes formas de estudar, de buscar e produzir conhecimento. Ter a ciência que a sala de aula é um espaço de múltiplos saberes e que professor e aluno estão juntos nesse processo de construção de novos saberes, oportunizando um aprendizado mútuo ao compartilharem suas diferentes experiências, o aluno aprendendo a partir das experiências do professor e o professor

semelhantemente, imbuído da necessidade de compreensão das diferentes realidades de seus alunos, também adquirindo aprendizado resultante dessa interação professor-aluno em sala de aula.

A experiência de utilizar essas atividades em minhas aulas de história, proporcionou-me compreender melhor a importância de, enquanto professor, recorrentemente revisar e refletir sobre minhas práticas em sala de aula, levando sempre em conta as diferentes e particulares necessidades presentes no ambiente escolar e a importância de valorizar as experiências de meus alunos de como eles enxergam a disciplina, suas sugestões de atividades e como se comportam ao terem contato com diferentes formas de aprendizado, para dessa forma buscar através de diferentes ferramentas atingir o máximo possível de interação e diálogo com eles, tornando o espaço da sala de aula um ambiente que os proporcione a vontade de expressar suas opiniões, percepções do mundo a sua volta e torná-la realmente um ambiente que o motive pela busca e construção do conhecimento.

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de *pronúncia* do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (FREIRE, 2016, p. 138).

A sala de aula não pode mais ser vista como espaço de transferência de conhecimento, mas de aprendizado. Aprendizado sobre o conteúdo das disciplinas, aprendizado sobre a localidade onde moramos, sobre nosso país e a forma como este é governado, sobre todo o contexto de mundo no qual estamos inseridos. E esse aprendizado deve ser mútuo, pautado nas diferentes realidades que devem dialogar cotidianamente, realidades de professor e aluno, em constante interação, para que assim a percepção de conhecimento e diferentes saberes seja pautada num processo de construção com base numa pluralidade de vivências e não apenas uma mera reprodução de um modelo de educação imposto.

Dessa forma, trabalhar com o cordel em minhas aulas de história me fez reavaliar minha prática em sala de aula, mas, além disso, me fez também refletir sobre minha relação interpessoal com meus alunos, refletir sobre como as diferentes realidades vividas por

eles podem afetar seu desempenho escolar; repensar que modificando práticas e estratégias que influenciam no processo de ensino-aprendizagem também posso estar contribuindo para a mudança de vidas.

Compreender algumas necessidades do aluno além do ambiente escolar podem ajudar a compreender o seu desenvolvimento na escola, assim aprendi que tornar o ambiente de sala de aula cada vez mais próximo ao contexto vivido por meus alunos os proporciona a oportunidade de perceberem como suas realidades estão também presentes na construção do contexto histórico e que são protagonistas nesse processo de construção.

Não adianta o professor adotar as mais inovadoras teorias do ensino ou conhecer profundamente todos os conteúdos relacionados a sua disciplina, se este ignora a participação e o protagonismo de seus alunos no processo de ensino aprendizagem, mais que isso, é não se enxergar, no processo de construção do conhecimento, numa posição hierárquica em relação ao aluno, mas alinhar seu discurso à prática e promover junto ao aluno uma parceria em busca da construção dos saberes, numa verídica busca pelo conhecimento onde o estudante possa perceber no professor, não alguém que pode fornecer-lhe ou negar-lhe o conhecimento, mas alguém que se esforce a conhecer a realidade do aluno e juntos compartilhem a ação de aprender, um com a realidade do outro. Isso não significa por parte do professor, enquanto agente público legal, abdicar da sua responsabilidade de condução desse processo de ensino-aprendizagem e organização desse ambiente em sala de aula, mas justamente como responsável dessa condução, tornar esse processo o mais verdadeiro e produtivo possível. “Algo diferente disso, ou seja, uma linguagem que não sintoniza com a situação concreta dos homens, se torna apenas mais um discurso, alienado e alienante” (FREIRE, 2016, p. 147).

Trabalhar o cordel junto ao ensino de história me oportunizou a experiência de perceber que meu papel em sala de aula enquanto professor não é moldar os estudantes, mas motivar-lhes a envolverem-se no processo de ensino-aprendizagem tendo como principal pano de fundo suas realidades e tomando como importante ponto de partida e atuação sua percepção da realidade e visão de mundo. Claro que minha atuação é influenciada pela condição de professor em uma escola particular, onde, seja explícita ou implicitamente, é gerada uma relação prestador de serviço e cliente, onde os pais dos alunos cada vez mais

cobram o sucesso escolar dos filhos e geralmente atribuem a negativa de processo à atuação do professor.

Evidente que esta relação comercial não deve ser, e não é, a principal motivação para uma reflexão sobre minha atuação em sala de aula, porém seria hipocrisia afirmar que não produz nenhum tipo de influência. Além da satisfação comercial do aluno e seus pais, uma questão muito mais importante emerge no tocante a uma mudança no ensino de história; compreender que o ensino de história, como o processo de ensino-aprendizagem como um todo, também possui sua dimensão lúdica e esta não pode ser ignorada. Como repetidas vezes enfatizo neste trabalho, não se trata de demonstrar qual método de ensino é melhor, não acredito que seja necessário essa comparação, mas de entender que a realidade na qual vivemos, o contexto que cerca nossos alunos pedem que a diversão seja um pressuposto da aprendizagem, as aulas devem gerar prazer no aluno, satisfação por fazer parte daquele processo, pois se assim não for, se for apenas mais uma atividade imposta, sem significado para a vida do aluno, apenas seguindo um fluxo imposto do qual não sabemos o significado, estaremos perdendo nosso tempo e ocupando o tempo do nosso aluno. O aprendizado deve partir da compreensão que as novas informações trabalhadas através do cordel, devem agrupar-se ao conjunto de informações já existentes no aluno, e que havendo a relação desses conhecimentos, haverá o aprendizado fruto do que foi apresentado junto das experiências já vividas pelo indivíduo. A repetição de informações de maneira mecânica também leva ao aprendizado, porém ao utilizar o cordel como ferramenta no processo de ensino aprendizagem do aluno, se busca a construção de um conhecimento que tenha como ponto principal a descoberta de novas informações através da atuação do aluno, não restringindo o aprendizado somente a um processo mecânico de reprodução de informações, mas sim, uma de informações de forma crítica que gere a discussão e posteriormente a construção de novos saberes.

7. Considerações Finais

Utilizar a literatura de cordel em minhas aulas de história foi mais que uma tentativa de inserção da cultura popular em nosso currículo, mas uma experiência enriquecedora que serviu como exemplo para minha prática de ensino, pois a partir dessa estratégia percebi que o maior desafio que o professor possui em sala de aula não é convencer ou “fazer” os alunos aprenderem sobre os conteúdos estudados. O principal desafio do professor é criar um ambiente em sala de aula que privilegie a participação dos alunos e contemple suas realidades, demonstrando que não é só o conteúdo do livro didático o ponto mais importante da aula, muito menos apenas a presença de um professor, mas que a interação desses elementos com os alunos torna o processo de ensino-aprendizagem mais didático, produtivo e efetivo. O cordel foi uma das formas que encontrei para tentar atingir esse resultado, porém o mais importante não é o método que o professor irá utilizar, mas a percepção de quando e como agir e sair da zona de conforto para que assim possa desenvolver um trabalho mais apropriado à realidade da sua sala de aula, sua própria realidade e, principalmente, a realidade de seus alunos. Trabalhar o cordel em minhas aulas foi muito importante pois essa experiência permitiu uma maior apropriação da nossa cultura nordestina e o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem que priorizou a atuação e participação do aluno, contemplando sua realidade e suas necessidades enquanto elemento importante dentro do desenvolvimento educacional na escola e seu desenvolvimento enquanto ator social, inserido num contexto que demonstra a necessidade de sujeitos críticos e questionadores dos fatos que estão a sua volta. Assim, a experiência do uso do cordel não contribuiu somente para um melhor desempenho e reflexão dos meus alunos, mas também para meu crescimento enquanto professor e mediador de importantes discussões em sala de aula.

ANEXOS

MINHA HISTÓRIA DE CORDEL

(Ary Leonan Lima Santos)

Pra falar sobre história
Me atrevo a rimar
Vou brincando com as palavras
Escrevendo sem parar!

Do Egito à guerra fria
E História do Brasil
Vou usando minha rima
De maneira bem sutil

Meu cordel não é encantado
Mas brota do coração
Minha alegria é rimar
Cantarolando educação

Bem humilde o meu talento
Vou levando meu recado
Com a minha poesia
E um livro rabiscado

Professor sou de História
Me orgulho desse nome
E rimando a memória
Vou falando sobre o homem

Das ações que ele fez
Da história que ele faz
Das famílias que desfez
Com a guerra pela paz!

A história com cordel
Me preenche de emoção
Me inspira a lutar
Pelo bem da educação

No meu sonho acredito
E por isso vou brigar
Para dentro da escola
Vou falar sobre história
Com meu jeito de rimar

Sugestões Gerais

A literatura de cordel é um gênero literário muito rico, pois dialoga com diferentes camadas sociais e contextos. Assim, o professor que deseja trabalhar com esse gênero, em suas aulas de história, deve estar pronto para buscar diferentes estratégias que lhe permitam explorar o potencial máximo dos cordéis junto aos conteúdos dos livros didáticos.

Algumas das sugestões indicadas nesse material, sempre que o professor trabalhar com cordel são, sempre que possível, discutir as capas dos cordéis com a turma, indagando o porquê daquela construção, qual contexto e sentidos são envolvidos, pois, geralmente, as xilogravuras trazidas nas capas dos livretos revelam uma sátira ou ironia em relação ao tema tratado no cordel. Em meus cordéis não produzi uma capa por conta da demanda de atividades deste trabalho que impossibilitaram esse processo, porém é uma proposta que pode ser incluída em uma produção futura. Além disso, é muito importante o professor explicitar que as opiniões expressas no cordel são retrato da forma de pensar do autor, o que significa que nem sempre estas podem ser as melhores fontes para fundamentarem nossa opinião, mas servem sim como ponto de partida de importantes discussões dos assuntos tratados.

Outra sugestão para o professor que trabalha com cordel, mesmo que nas aulas de história, é fazer uma análise textual, com o intuito de reforçar a importância dos alunos trabalharem sua interpretação e até questões gramaticais, sempre enfatizando que a escrita do cordel nem sempre obedece à gramática formal por sua íntima relação no processo de construção com a oralidade, marca importante da literatura de cordel. Por fim, é sempre bom incentivar a produção dos alunos e valorizar suas impressões e percepções acerca dos cordéis que tratam sobre história.

Espero que essa obra seja útil para você professor de história, ou outro colega, que deseja trabalhar os conteúdos da disciplina com uma roupagem diferente do livro didático. Que esse material seja de grande auxílio para suas aulas e te inspire a desenvolver novas estratégias que favorecem o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem em nossas escolas.

HISTÓRIA ANTIGA EM CORDEL

(Ary Leonan Lima Santos)

Minha aluna, meu aluno
Meu amigo e minha amiga
Preste muita atenção
Vou falar de História Antiga

Um período que apareceu
Depois da Pré-História
Quando o homem aprendeu
A escrever sua memória

Através da plantação
Cultivou sua comida
Fixou sua morada
Reduziu sua partida

Numa terra muito grande
Se formou uma região
Era o crescente fértil
Lugar bom pra plantação

Vez ou outra tinha enchente
Mas não era o Tietê
Pois o rio pra essa gente
Era forma de viver

Um lugar bem habitado
Cada um com sua porção
E em cada cidade-estado
Possuía um mandão

Cheio de autonomia
Tinha chefe rigoroso
Era da época o político
E também religioso

Tinha um que era guerreiro
Outro ótimo plantador
Aquele bom comerciante
E também navegador

Existia uma lei que
Do rei levava o nome
Foi a lei de Hamurabi
Que ferrenho esse “hômi”

Sua lei era a peste
Nunca ficava por baixo
Era um tal de dente por dente
Que assustava cabra macho

Me lembrei de um povo antigo
Que na bíblia apareceu
Só tinham um Deus como amigo
Tô falando do povo Hebreu

Das pinturas e guerreiros
Enredos que a gente ama
Estão na cultura clássica
Da história Greco-romana

Eu já ia esquecendo
Fiquei meio enrolado
Parecendo o Faraó
Uma múmia todo atado!

Me desculpem meus amigos,
Pois contei poucos detalhes
De uma história que é antiga
Mas é rica de verdade!

E os “hômi” que estudaram
Tudo isso foi depois
Esperaram o fim de Roma
Pra partir pra parte dois

Um período em que a igreja
Vai tomar todas as “rédea”
Em mil anos vamos ter
Toda a Idade Média!

Mas sem pressa meus alunos
Não se avexem, ora pois
Esse tema de estudo
Vai ficar para depois

Com um abraço me despeço
E não tiro da memória
A beleza de estudar
Os conteúdos de História

Sugestões:

- I. Enfatizar no 4º verso da 2ª estrofe a importância da escrita como marco histórico da transição entre a pré-história e a antiguidade.
- II. Reforçar a importância da atividade agrícola para o desenvolvimento das primeiras civilizações.
- III. Explicar a importância do crescente fértil a partir da 4ª estrofe utilizando, após a leitura do cordel, mapas que demonstrem a região.
- IV. Aproveitar os trechos que falam dos rios e cita o rio Tietê para demonstrar mais uma vez a importância da proximidade aos rios das primeiras civilizações e a importância de cuidarmos bem dos nossos recursos naturais.
- V. Sugerir que os alunos pesquisem sobre a lei de Hamurábi e expliquem o porquê do cordel o demonstrar como ferrenho.
- VI. Além das sugestões textuais, o professor pode pedir que seus alunos desenhem gravuras que eles consideram que podem representar bem o tema tratado no cordel.

**EXPLOSÃO DE CORDEL – UM RELATO SOBRE A SEGUNDA GUERRA
MUNDIAL**
(Ary Leonan Lima Santos)

Nas grandezas dessa terra
De belezas sem igual
Houve uma grande guerra
Foi chamada mundial

Mas não era novidade
Essa tão grande besteira
Pois a nossa humanidade
Tinha feito a primeira

Na Alemanha tinha um homem
Com o seu bigode grosso
Era chamado de Hitler
Não respeito esse moço!

Fez bagunça e baderna
Muita coisa prometeu
Trouxe horror pra nossa terra
Maltratou muito judeu!

Iludia todo o povo
Com seu falatório racista
E dizia que raça pura
Era a do povo nazista

Considerava alemão
Sem problema nem defeito
E dizia que seu povo
Era o único ser perfeito

Além disso se achava
Melhor do mundo e mandão
E pra onde ele olhava
Só pensava em invasão

Com um vizinho muito forte
Até tentou fingir a ética
Combinou Não-Agressão
Com a União Soviética

Mas ganância era apelido
Desse torpe cidadão
Esqueceu logo do pacto
E começou a invasão

Interessado num império
Bem maior que a Babilônia
Ordenou a suas tropas
Invasão contra a Polônia

Com o fascista Mussolini
E os kamikazes do Japão
Se encheu de ousadia
Utilizaram o canhão

Hitler muito empolgado
Dotado de arrogância
Invadiu a antiga Rússia
Entupido de ganância

Meteu pé com sua tropa
Foi rendido pelo inverno
E a marcha da vitória
Se tornou um grande inferno

E com o D de derrota
Foi chegado o grande dia
Chamado de Dia D
Com batalha na Normandia

Aliados com um plano
Bem arquitetado e esperto
Acabaram com o Eixo
E o fim ficou mais perto

E ainda depois disso
Outro fato ocorreria
Uma bomba foi jogada
Explodindo a Guerra fria

Sugestões:

- I. Partindo do texto, o professor pode frisar que a segunda guerra mundial acontece ainda motivada por eventos mal resolvidos na primeira grande guerra, principalmente pelas punições à Alemanha que geraram um sentimento de revanchismo.
- II. Enfatizar a ideologia de superioridade da raça ariana pregada por Hitler.
- III. Explicar sobre o pacto de não-agressão firmado entre a Alemanha e a União Soviética.
- IV. Mostrar aos alunos no cordel a invasão da Polônia como estopim da Segunda Guerra Mundial.
- V. Demonstrar como a invasão à Rússia foi uma estratégia fracassada para a Alemanha e elencar os pontos que contribuíram para isso.
- VI. O professor pode pedir aos alunos que identifiquem, no texto do cordel, pontos importantes sobre o conteúdo estudado.
- VII. Também pode ser de grande ajuda uma pesquisa sobre músicas, livros, poemas do período da Segunda Grande Guerra e a utilizam como tema central de suas produções.

DESCOBRIIMENTO DO BRASIL EM CORDEL

(Ary Leonan Lima Santos)

Com meus versos mal dizentes
Quero agora conversar!
Com você meu caro aluno
E sobre História vou falar

Da História do Brasil,
Essa terra de esplendores
Dessa gente varonil
De orgulhos e amores

Quando o branco aqui pisou
E com o índio deu na vista
Num instante averiguou
Seu objeto de cobiça

Naquele primeiro momento
Não achou o ouro e prata
Mas criou uma feitoria
Pra deixar a sua marca!

Com uns 30 e poucos anos
Depois de 1500
Os portugueses repensaram
E mudaram seu intento

Na usura de crescer
E evitar uma invasão
Eles logo organizaram
A primeira expedição!

O Martim foi o primeiro
Dos portugueses usurentos
Com a vila de São Vicente
A começar o povoamento!

O pau-brasil até que atraía
Por conta da cor da madeira
Mas o primeiro dos sucessos
Foi a empresa açucareira

Pra proteger o terreno
O qual era proprietária
Foi criada a divisão
Em capitania hereditária

O rei cedia a terra
A alguns nobres donatários
Era meio que um empréstimo
Pois não era proprietário

Quem recebia a terra
Tinha alguma obrigação
Era pra gerar riqueza
E impedir a invasão

Com o tempo aquele molde
Não mostrou muito sucesso
Só Pernambuco e São Vicente
Atingiram algum Progresso

E em meio ao fracasso
Do sistema hereditário
O rei logo instituiu
Um regime autoritário

A capitania escolhida
Foi a terra do carnaval
E a nossa linda Bahia
Tornou-se capitania real

Que tinha como objetivo
Tornar o poder central
Foi criado pelo rei
O famoso governo-geral

E além da rica terra
Que queriam dominar
Intentaram um projeto
Para o índio aprisionar

Rejeitaram sua origem
Começaram a falar
Que era bicho sem alma
Tinha que catequizar

E assim foi prosseguindo
Veio a escravidão
Pois o índio não aceitava
Mudar sua intenção

E o negro africano
Foi trazido para cá
Pra fazer trabalho escravo
Sem direito a reclamar

E assim nosso Brasil
Começou a ser formado
Com mistura de origem
Cada um com seu legado

E depois desse início
Muita coisa aconteceu
Muita história foi escrita
Antes de você e eu

Em batalhas e confrontos
Muita coisa já se viu
Foi assim a formação
Da nossa terra do Brasil

Sugestões:

- I. Ao discutir a história do Brasil através do cordel, o professor pode sugerir aos seus alunos que eles pesquisam sobre as influências culturais das principais etnias que formaram nosso povo, inclusive influências literárias, incluindo nessa pesquisa a literatura de cordel.
- II. Outra atividade muito simples, mas que pode ser de grande ajuda para a compreensão dos alunos sobre o tema é pedir-lhes que, de acordo com as instruções do professor, grifem no cordel os conceitos e temas importantes para que posteriormente possam discuti-los. Ex: Prosperidade de Pernambuco e São Vicente, Governo-Geral, capitania hereditária, catequização, entre outros que pode ser identificado pelo professor.
- III. Na 13^a estrofe, o professor pode utilizar como “gancho” o trecho que fala sobre regime autoritário criado pelo rei e relacionar ao Pacto Colonial, instituído pela metrópole, fazendo se possível, um esquema que demonstre aos alunos como era a relação entre Metrópole e Colônia, e qual a participação de cada uma nesse processo.
- IV. É importante também que o professor deixe claro o porquê os portugueses mudam seu foco em relação à escravidão dos índios, sendo contundente na desmistificação de teorias que afirmam indolência ou preguiça por parte dos nativos.
- V. Além das questões textuais, o professor pode incentivar a turma a teatralizar os cordéis, dividindo os alunos em grupos para facilitar essa atividade e motivar a participação do máximo de estudantes possíveis em sala de aula.

CORDEL SEM DITADURA

(Ary Leonan Lima Santos)

Em 64 o caro Jango
Foi passado para trás
Foi um golpe muito duro
Um atendado contra a paz

Os milicos com a farda
E uma fanta na mão
Antes fosse refrigerante
Era só forma de opressão

Os generais que prepotentes
Gananciosos por poder
Humilharam nossa gente
Proibiram o parecer

Parecer da nossa voz
E da nossa expressão
O direito de falar
Desabafar o coração

Oprimiram a opinião
De quem queria falar
Utilizaram o camburão
Pra nossa gente amedrontar

Uma ditadura que civil
Muita gente autorizar
O desrespeito do direito
Em nome do militar

Criaram um documento
Que trazia um A I
Era o grito de socorro
Uma forma de oprimir

Cheios de avidez
Por domínio e governo
Exterminaram a democracia
Com a república do medo

O AI foi 17
O mais temido foi o 5
Incontáveis foram as vidas
Tiradas com tanto afinco

Afinco de quem queria
A todos controlar
Se manter com o poder
Sem ninguém o questionar

Derramaram muito sangue
Fraudaram situação
O Herzog que o diga
Suicídio por outra mão

E o doce daquela vida
Foi virando amargura
Cotidiano recheado
De ameaça e tortura

Mas em meio a tanto caos
De quem queria calar
Foi surgindo algumas vozes
Que vieram acalentar

Através da sua arte
Cantaram sobre esperança
Criticaram toda dureza
Daquela vil governança

Pra não dizer que esqueci
De falar daquelas flores
Que com perfume e beleza
Diminuíram nossas dores

Aumentaram a esperança
De uma nova revolução
De um golpe contra a violência
Contra a força e opressão

De Caetano e Buarque
Que se atreveram a cantar
E não beberam do cale-se
Que podia embriagar

Embriagar com o vinho
Que destilava o medo
Que abafava as vozes
Que escondia segredos

E sem medo de afirmar
A quem queria os coibir
Gritaram em alto e bom som
É proibido proibir!

E aos poucos toda a luta
Trouxe uma transformação
Começamos o processo
De redemocratização

É verdade, tudo isso
Foi um grande combinado
Pois ninguém quis ser punido
E nem responsabilizado

E o triste ainda hoje
É que muita gente defende
A mania de ditadura
Logo se vê não entende

Que um governo que persegue
Usando força e censura
Não faz bem para o seu povo
Só lhe causa amargura

Mas a gente vai tentando
Aos poucos conscientizar
Que a vida é mais bonita
Pra quem sabe respeitar

Incentivando a verdade
E o bom conviver
Vou pregando a liberdade
A quem queira aprender

Que não adianta linha dura
Nem atitudes sem pudor
Pois uma ditadura boa,
A que quero para sempre
É a ditadura do amor!

Sugestões:

- I. Já na primeira estrofe, após a leitura do cordel com os alunos, o professor pode explicar aos alunos em que contexto se deu o golpe civil-militar de 1964 e como João Goulart (Jango) foi retirado do poder.
- II. Utilizar as estrofes do cordel que falam em proibição para demonstrar aos alunos todo o contexto de perseguição e censura instituídos durante o governo militar.
- III. Ainda relacionado à censura, o professor pode a partir de algumas estrofes do cordel, pedir aos alunos que pesquisem, ou o próprio professor pode demonstrar quais os principais tipos de tortura utilizados durante o regime militar.
- IV. Enfatizar o trocadilho feito no cordel com a palavra civil e explicar o caráter civil-militar da ditadura de 1964.
- V. Explicar o que foram os Atos Institucionais (A I) e seus desdobramentos na sociedade brasileira desse período.

- VI. Elucidar sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog e todos os questionamentos em volta dela.
- VII. Destacar a participação de importantes artistas que utilizaram suas composições como forma de protesto àquele regime de governo. Além disso, é interessante que o professor instigue os alunos a procurarem músicas, poemas e outras produções artísticas que tenham se destacado por sua crítica à ditadura.
- VIII. O professor também pode incentivar os alunos a desenvolverem suas próprias produções artísticas que tenham como tema o período da ditadura civil-militar no Brasil.

MINHA RIMA MÉDIA (Ary Leonan Lima Santos)

Hoje agora meus queridos
Nós vamos conversar
Sobre uma fase da história
Muito grande pra lembrar

Com um texto bem rimado
Ou escrito num papel
Mas que pode ser falado
É chamado de cordel

Pra falar desse momento
E não parecer comédia
Pois a nossa aula hoje
É sobre a Idade Média

Um período que devemos
Estudar sem preconceito
Desfazer essa ideia
De que nada lá foi feito

Perceber que o apelido
Que esse momento levas
Não pode se resumir
Apenas à Idade das Trevas

E que mesmo com o controle
Exercido pela igreja
Muita coisa foi criada
Mesmo em meio à peleja

Um período demorado
Que durou quase mil anos
E que teve seu início
Com a briga dos romanos

Que o império dividiram
Divisão episcopal
Foi criado o bizantino
Fora do ocidental

Mas na rima que aqui lemos
Vamos focar no ocidente
Que a igreja se fez chefe
Ordem mais que onipotente

E levando à rédea curta
Toda a sociedade
Que vivia vigiada
Pela sua santidade

Da cultura à leitura
Tudo era vigiado
Não podia botar pé
Fora daquele quadrado

Sociedade dividida
Organizada em estamentos
Tinha clero, nobre e servo
Só pra seu conhecimento

E cada um den' de seu grupo
Tinha sua condição
Uns mais ricos ou mais pobres
Sem direito à revisão

E quem tinha a ousadia
De em algo discordar
Acusado de heresia
Na fogueira ia parar

Outro ponto importante
E necessário a lembrar
Só o servo que devia
Intensamente trabalhar

Para o clero e o nobre
Isso era estranheza
Trabalhar não era o forte
Só queriam a riqueza

E o modo de trabalho
Desse povo estamental
Baseado era na terra
E chamado de feudal

Mas o feudo, não se engane
Ia mais além da terra
Era também ferramenta,
Ou ajuda numa guerra

E o feudo que era terra
Tinha sua divisão
Era chamado de manso
Dentro dessa partição

Tinha o senhorial
O servil, e o comunal
Mas o servo em todos esses
Era pobre serviçal

Entre os nobres já havia
Uma outra relação
Era a da suserania
Com vassalo a união!

Numa troca de favores
Esse grupo se ajudava
Entre nobres e senhores
Relação que não mudava

A mulher é importante
Nessa rima enfatizar
Pois não tinha muito espaço
Para se manifestar

Até a forma que recebia
Toda sua educação
Era muito diferente
Em um mundo de machão

Mesmo assim algumas delas
Não desistia de lutar
E na sociedade machista
Conquistava seu lugar

Uma delas bem famosa
Pegue o lápis e logo marque
Personalidade da França
Chamada Joana D'arc

Comandou várias vitórias
Naquela guerra dos cem anos
Escrevendo na história
O seu nome em vários anos

E em meio a tantas crises
Queriam a terra sagrada
Pra conquistar Jerusalém
Inventaram as cruzada

E das crises foram muitas
Isso é fato inconteste
Quem varreu toda a Europa
Foi a desgraça da peste

Foi gerando muitas mortes
Em escala faraônica
Quase destruiu a Europa
A tal da peste bubônica

Que era doença da pulga
Grudada no lombo do rato
E sem limpeza na rua
Logo se pagava o pato!

Mas não ria, acredite!
Tinha gente a falar
Que o problema da peste
Era excesso de pecar!

Sem delongas me encaminho
Para encerrar esse cordel
Pois falar da idade média
É assunto pra dedéu

O próprio nome é esquisito
Quem será que escolheu?
Esse médio é de metade?
Ou alguém que não cresceu?

Mas a resposta disso
Se avexe a pesquisar
Um momento importante
É a hora de estudar

O cordel é uma ajuda
Para te dar um empurrão
Para aprender história
É necessário discussão

Então aproveite agora
Seu querido professor
Que te ensina essa história
Todo cheio de amor

Lá no gugle, aquele bicho
Digital bem informado
Se encontra quase tudo
Que se quer ser pesquisado

Na história em cordel
Não é lá wikipédia
Mas ajuda a estudar
A famosa idade média

E te digo caro aluno
Você pode estudar
Escrevendo um cordel
Começando a rimar

Vai treinando a memória
E também vocabulário
Pois estudar história
Dessa forma é hilário

Mas agora estou indo
Tenho uma missão no papel
Relatar uma outra história
Estudada com cordel!

Sugestões:

- I. Ao trabalhar o cordel “Minha Rima Média”, o professor pode iniciar a análise do cordel discutindo com a turma sobre os períodos históricos e a definição de cada um, explicando como foi feita essa divisão desses marcos temporais.
- II. Também é importante que o professor enfatize bem a 4^a estrofe com o intuito de desfazer alguns mitos sobre a idade média como um período sem nenhuma produção intelectual, aproveitando o momento para também discutir a alcunha de idade das trevas e esclarecer melhor para os alunos como se deu essa construção.
- III. Algo que considero necessário ao estudar a idade média e que o uso do cordel pode ajudar a ser tratado com leveza, é a influência da igreja católica nesse período. Partindo desse ponto, o professor, se considerar oportuno, pode levar uma discussão sobre a relação da religião e política hoje em nossa sociedade. Claro, sempre buscando formas respeitosas e que conservem a liberdade de expressão do outro.
- IV. Relacionar o início da idade média com o Império Romano Antigo.
- V. Procurar reforçar termos que são trazidos no cordel e explicá-los de forma clara, assim como se apresentam no conteúdo do cordel. Ex: Feudo, feudalismo, Suserania e Vassalagem, divisões territoriais, entre outros temas relevantes.

- VI. A partir do cordel, demonstrar aos alunos como a sociedade feudal era bem dividida, estratificada, não possibilitando a mudanças bruscas em sua divisão social.
- VII. Demonstrar formas de controle exercidas pela igreja.
- VIII. O professor pode trabalhar a interpretação de texto nesse cordel, auxiliando os alunos a buscarem termos importantes para o conteúdo idade médias, solicitando que, individualmente, ou em grupos, eles expliquem a percepção deles sobre o assunto e o texto emitindo opiniões e, se possível, construindo suas próprias produções, seja em cordel ou com outra expressão artística, sobre a idade média.
- IX. Discutir com os alunos o impacto da “peste negra” na Europa e as condições que favoreceram sua proliferação.
- X. Além dessas sugestões, o professor pode adotar outras que considere necessárias e que se adequem melhor a sua realidade e de seus alunos em sala de aula. No mais, pode também fazer um contraponto a postura da igreja medieval e demonstrar aos alunos que para estudar história ou qualquer outro assunto pertinente, a discussão e o questionamento sempre são fatores válidos para que se possa construir e adquirir conhecimento.

RUMOS EM RIMAS DA GUERRA FRIA

(Ary Leonan Lima Santos)

Hoje da história
Um assunto vou falar
Foi o dia que o mundo
Se sentiu meio bipolar

Aconteceu depois da guerra
A chamada mundial
E dividiu a nossa terra
Numa briga capital

Essa guerra, quem diria
Não foi marcada pelo armamento
Foi chamada Guerra fria
Um conflito de pensamento

Já começa no final
Da segunda grande guerra
Onde Berlim foi disputada
Dividindo sua terra

E a briga estava armada
Não precisa eufemismo
O conflito começou
Do capital com socialismo

Nessa briga muitos planos
Rapidamente foram criados
Era a chance de conseguir
Pra seu lado aliados

E na guerra que era fria
Olha só que epopeia
Logo logo esquentou
Com a briga da Coreia

Que no começo era junta
Mas foi logo dividida
Em norte e sul foi separada
E começada uma briga

Que até hoje se estende
E causando nervosismo
Um conflito originado
Pela briga dos dois “ismos”

O States capitalista
Procuraram dominar
Os países sem dinheiro
Para se fortificar

Inventaram uma estratégia
De poder comercial
Transformaram o seu dólar
Em moeda mundial

E a união soviética
Querendo ser mais unida
Foi montando uma cortina
Pra guardar a sua vida

Com intuito de proteger
Todo leste europeu
Dizendo que aquele lado
Por direito era seu

E a cortina não era de lã
Muito menos algodão
Era jeito de impor
Toda sua proteção

E no fim de tudo isso
A União acabou
Retornou pra velha Rússia
Com capital em Moscow

E o muro estendido
Logo foi botado abaixo
Mas não foram esquecidos
Os conceitos implantados

E até hoje nós ouvimos
Vemos muita discussão
Pra saber qual é o melhor
Jeito de organização

Sobre isso não opino
Só prefiro escutar
E aprender como esse mundo
Faz pra se organizar

Seja com capitalismo
Ou teoria social
O que não posso admitir
É o povo passar mal

Dessa rima me despeço
E sugiro a você
Sobre os temas leia mais
E procure aprender

O estudo nos ajuda
A formar opinião
Para não ser presa fácil
De governo charlatão

De esquerda ou direita,
Seja lá qual lado for
O importante é tratar
Sempre no seu governar
Nosso povo com amor!

Sugestões:

- I. Uma opção interessante para o professor começar a discussão, após a leitura do cordel, é explicar a relação trazida no texto do cordel entre o início da Guerra Fria e o fim da Segunda Guerra Mundial.
- II. Explicar à turma a bipolaridade política causada no mundo por conta dos desdobramentos da Guerra Fria.
- III. A divisão da Alemanha entre as influências capitalistas e socialistas, respectivamente, de Estados Unidos e União Soviética, após o fim da segunda guerra.
- IV. Pesquisar com os alunos a principais estratégias utilizadas pelos blocos, capitalista e socialista, para ampliarem seu raio de influência.
- V. Destacar os blocos comerciais criados e o que foi a chamada “Cortina de Ferro”.
- VI. A partir do cordel, o professor também pode diversificar suas estratégias trazendo para a turma músicas e principalmente filmes que tratam sobre o período da Guerra Fria, além de, claro, complementar com informações relevantes ao conteúdo. Assim, utilizando diversas formas diferenciadas de trabalhar o assunto, o professor aumenta a chance de conseguir uma maior interação da turma nas atividades.
- VII. O professor pode pedir que, em algumas estrofes mais específicas, que contêm informações mais importantes, os alunos façam anotações de outras informações como fatos, eventos importantes ou datas, ou seja, que anotem aquilo que o professor considere essencial e que possa contribuir para a assimilação do assunto a partir do cordel.

BREVE RELATO DO GOVERNO VARGAS EM CORDEL

(Ary Leonan Lima Santos)

Com licença vou chegando
Peço por educação
Me escute um instante
Seja bom anfitrião

Com a arte bem rimada
E chamada de cordel
Vou contar outra história
Foi escrita no papel

No Brasil aconteceu
Foi uma revolução
Quando Vargas assumiu
O poder em nossa nação

O início foi de um jeito
Mais ou menos compulsório
E assim se deu início
Ao governo provisório

E Getúlio assumiu
Se tornou o presidente
Começou a nova fase
Para o povo, nossa gente

E de cara já tomou
Importante decisão
Já criou o Ministério
De comércio e produção

E dando continuidade
A uma onda reformista
Promulgou uma sequência
De reformas trabalhistas

Em 34 foi um marco
De mudanças sem igual
E a mudança logo foi
Na esfera constitucional

Além disso Anauê
A Ação Integralista
Que era um grupo de poder
Muito do nacionalista

Combatteu o comunismo
E sem dó nem piedade
Perseguiu a Olga e Prestes
Vasculhou toda cidade

E ainda em 37
Novidade para o povo
Foi criada a ditadura
Chamada de Estado Novo

E o Vargas não brincava
Incentivou a produção
E ao invés de importados
Trouxe a industrialização

Uma alcunha recebeu
E de forma muito nobre
Como cuidava do povo
Se tornou o pai do pobre

Muita gente até hoje
O acusa de cinismo
Dizem “Era estratégia”
“O mais puro populismo”

Mas como tudo nessa vida
Não existe eternamente
Seu poder foi esgotado
Retirado brevemente

Num retorno mais à frente
Foi forçado a deixar
E a briga do poder
Conseguiu te derrubar

Mas partiu do nosso mundo
Foi gravado na memória
E da vida ele saiu
Com entrada para a história!

Sugestões:

- I. Esse cordel pode ser usado antes de começar a trabalhar o assunto com a turma, como uma forma de introdução, ou mesmo após, como uma maneira de revisar alguns pontos estudados.
- II. Através de alguns trechos do cordel, o professor pode junto com a turma tentar delimitar uma linha temporal do governo de Vargas através de alguns marcos que aparecem no conteúdo do cordel.
- III. Enfatizar as reformas trabalhistas feitas por Vargas. Nesse ponto, o professor pode sugerir à turma que elaborem cartazes com os principais direitos trabalhistas vigentes até hoje.
- IV. Discutir com os alunos o termo “populismo”.
- V. Junto ao cordel, o professor pode trabalhar filmes que retratam a história política de Vargas no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. M. *A literatura de cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico.* 2010. 118f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.
- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular.** 14 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** História. 5^a a 8^a séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** História. Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRASIL. **Plano Nacional de Cultura.** Brasília: 2010.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** 2^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil.** 1 ed. São Paulo: Global, 2012.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. 2 ed. Lisboa: Difel, 1988.
- CURRAN, M. **História do Brasil em cordel.** 2 ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- DARNTON, R. **Boemia literária e revolução:** o submundo das letras no antigo regime. 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- DARNTON, R. **O grande massacre de gatos:** e outros episódios da história cultural francesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DAVIES, N. As camadas populares nos livros de história do Brasil. In: PINSKY, Jaime. **O ensino de história e a criação do fato.** 14 ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 121-138.
- EVARISTO, M. C. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do discurso na escola.** São Paulo: Cortez, 2001. p. 119-184.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso:** aula inaugural no *côllege de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 115-142, dezembro, 2002.

GILMAR ARRUDA. Para que serve o ensino de história? **História e Ensino**, Londrina, v. 8, ed. especial, p. 37-44, outubro, 2002.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRANGEIRO, C. R. P. *Discurso político no folheto de cordel: a besta-fera, o Padre Cícero e o juazeiro*. 2007. 174f. Tese de doutorado – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

GUIMARÃES, S. **Didática e prática de ensino de história**. 13 ed. Campinas: Papirus, 2015.

HILL, M. L. **Batidas, rimas e vida escolar**: pedagogia hip-hop e as políticas de identidade. Petrópolis: Vozes, 2014.

HOBSBAWM, E. J. **História social do jazz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LUYTEN, J. M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

RÜSEN, J. **História viva**: teoria da história III, formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

RÜSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história, os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, J. **Reconstrução do passado**: teoria da história II, os princípios da pesquisa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

SANTOS, F. A. dos. Elite letrada e ofício docente no Brasil do século XIX. In: MAYNARD, Dílton Cândido Santos; MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **História e educação**: ensaios sobre cultura e ensino. Recife: Edupe, 2015. p. 53-80.

SANTOS, J. A. dos. **A história de Sergipe decantada em Cordel**. Aracaju: Edise, 2016.

SANTOS, M. N. *Política dos tubarões e a sociedade da carestia: a redemocratização do Brasil nos folhetos de cordéis de Apolônio Alves dos Santos (1974-1992)*. 2016. 156f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SANTOS, Robson de Jesus; SHIMADA, Shiziele de Oliveira. A literatura de cordel como ferramenta no ensino da geografia. **Enfope**, Aracaju, ed. 10, p. 1-13, maio, 2017.

SOUTO, Patrícia Carneiro; SOUSA, Antônio Amador de; SOUTO, Jacob Silva. Saber acadêmico versus saber popular: a literatura de cordel no ensino de práticas agrícolas. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*, Brasília, v.97, n. 245, p. 196-212, jan/abr 2016.

TAVARES, D. M. O discurso político. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 185-228.

ZAMBONI, E.; LUCINI, M.; MIRANDA, S. R. O saber histórico escolar e a tarefa educativa na contemporaneidade. In: SILVA, Marcos. **História: Que ensino é esse?** Campinas: Papirus, 2013. p. 253-276.

ZÉLIA JÓFILI. Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. **VI Congresso de Iniciação científica da UFRPE**, Recife, n. 2, ano 2, p. 191-208, dezembro, 2002.